TRATADO DO DESÂNIMO

PADRE JEAN MICHEL

SANTA CRUZ

Tratado do Desânimo

Pe. Jean Michel

Editora Santa Cruz

SANTA CRUZ

Copyright © 2021 Santa Cruz – Editora & Livraria Católica

Imprimatur
Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cinta, Bispo de Petrópolis, Frei Lauro Ostermann, OFM - Petrópolis 03/03/1952
Projeto Editorial: Equipe Santa Cruz
Revisão: Paulo Eduardo Oliveira
Revisão e diagramação: Catuí Côrte-Real Suarez
Capa: Márcia de Oliveira Corrêa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão expressa do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J43
Jean Michel, Padre
Tratado do Desânimo: Nas vias da piedade / Pe. Jean Michel, SJ [obra póstuma] – 1ª ed. – São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz – Editora e Livraria, 2021.
128 p.
ISBN 978-65-87994-17-8
1. Igreja Católica. 2. Vida espiritual
I. Título
CDD: 235

Santa Cruz – Editora & Livraria Católica
Rua Amazonas, 1612
09540-202 – São Caetano do Sul – SP
Tel.: (11) 3042-7885
www.editorasantacruz.com.br
contato@editorasantacruz.com.br

Contents

Title Page
Copyright
1. O que é o desânimo
2. Perigos e efeitos do desânimo
3. O desânimo é uma expressão de orgulho
4. O verdadeiro motivo da Esperança cristã
5. Confiar nos merecimentos de Jesus Cristo
6. Confiar na constância e misericórdia de Deus
7. Só se perde a confiança perdendo a fé
8. Confiar no socorro divino
9. Não se pode vencer sem combate
10. Não tentarás o Senhor teu Deus
11. Tédio e secura não devem nos desanimar
12. Abandonar-se à vontade de Deus
13. Deus não faz sozinho o bem em nós
14. Os meios ordinários são suficientes
15. Não existem tentações invencíveis
16. Quando desanimamos por culpa própria
17. Quando a fraqueza humana envenena as boas ações
18. Quando a busca pela perfeição atrapalha
19. Quando cessam as consolações
20. Perigos no tempo da secura
21. Dificuldades na meditação
22. Dificuldades com os próprios sentimentos
23. Como bem servir-se das leituras
24. Como bem escolher as leituras

1. O que é o desânimo

O desânimo é a tentação mais perigosa que o inimigo da salvação dos homens pode oferecer. Nas outras tentações, ele só ataca uma virtude em particular e mostra-se a descoberto; no desânimo, ataca-as todas, e esconde-se. Nas outras tentações, vê-se facilmente a cilada: na doutrina aprendida, não raro na própria razão e na educação que tivemos, achamos sentimentos que as condenam: à vista do mal que não podemos disfarçar, a consciência e os princípios morais despertam e servem de apoio para nos sustentarmos.

No desânimo, não achamos socorro algum. Sentimos que a razão não basta para praticar todo o bem que Deus pede. Por outro lado, não esperamos mais achar junto d'Ele a proteção necessária para resistirmos às paixões. Achamo-nos, pois, sem coragem, prontos a tudo abandonar, e é até aí que o demônio quer conduzir a alma desanimada.

Nas outras tentações, vemos claramente o mal que seria aderirmos a elas por um sentimento refletido; no desânimo, disfarçado sob muitas formas, acreditamos ter as razões mais sólidas para nos deixarmos guiar por esse sentimento, que podemos sequer considerar como uma tentação. Contudo, esse sentimento acaba por convencer que é impossível a prática constante das virtudes, e expõe a alma a se deixar vencer por todas as paixões.

É, pois, importante evitar essa cilada.

***

2. Perigos e efeitos do desânimo

O grande mal que sofre uma alma desanimada é que, iludida por um temor excessivo que lhe disfarça os verdadeiros princípios, abatida pela vista das dificuldades contra as quais não acha em si mesma recurso algum, ela não considera esse estado como uma tentação. Se o encarasse sob esse ponto de vista, desconfiaria das razões que o alimentam e, assim, sairia dele bem mais cedo e mais facilmente.

Bem certo é, entretanto, que se trata de uma tentação bem definida; porque todo sentimento que é oposto à lei de Deus, seja em si mesmo ou pelas consequências que pode ter, evidentemente é uma tentação. É assim que julgamos todas as que podemos experimentar. Se nos vem um pensamento contra a Fé, um sentimento contra a Caridade, ou contra alguma outra virtude, consideramo-lo como uma tentação, desviamo-nos dele, e aplicamo-nos a produzir atos opostos a esse pensamento ou sentimento que nos põe em perigo de ofender a Deus.

Ora, a Esperança e a confiança em Deus é tão mandada quanto a Fé e as outras virtudes. O sentimento que vai contra a Esperança é, pois, tão proibido quanto o que vai contra a Fé, e contra qualquer outra virtude. É, pois, uma tentação bem caracterizada. A Lei prescreve-nos fazer com frequência atos de Fé, de Esperança e de Caridade. Proíbe-nos, por isso mesmo, todo ato, todo sentimento refletido contrário a essas virtudes tão preciosas e tão salutares. Deve-se, pois, considerar o desânimo como uma tentação, e mesmo como uma tentação das mais perigosas, visto que expõe a alma cristã a abandonar toda obra de piedade.

Para se sensibilizar quanto a esse perigo, vale examinar a conduta ordinária das pessoas. A esperança de ser bem-sucedido, alcançar um bem, evitar um mal – numa palavra, de satisfazer algum desejo ou alguma paixão – é o que as faz agir; é o que as sustenta

nas penas que têm de suportar; é o que as anima nos obstáculos que têm a vencer. Tirai-lhes toda esperança e logo cairão na inação. Só uma pessoa que delira pode trabalhar por algo que não tem esperança de conseguir. O mesmo efeito é produzido pelo desânimo na prática das virtudes. Funda-se no mesmo princípio: a falta dos meios para chegar ao fim proposto.

A alma cristã que não espera vencer na prática de alguma virtude, nada ou quase nada empreende para se fortificar. Os esforços insuficientes que ela faz aumentam-lhe a fraqueza; e, mais do que meio vencida pelo seu desânimo, ela se deixa facilmente arrastar à paixão que a domina. A vista da sua fraqueza lança-a primeiramente na irresolução, na perturbação. Nesse estado, toda ocupada da dificuldade que sente em combater, ela já não vê os princípios que devem guiá-la. O temor de não ser bem-sucedida impede-a de enxergar os meios que Deus lhe apresenta e que deve adotar para vencer.

Ela se entrega, pois, sem defesa ao inimigo. É como uma criança a quem a vista de um gigante que avança contra ela faz tremer, e que não pensa que uma pedra basta para o derrubar, se ela se servir dessa pedra em nome do Senhor. Essa alma, assim, desanimada, esquece-se de que tem um socorro poderoso na bondade do Pai mais terno, e que basta reclamar esse socorro para sair vitoriosa do combate.

***

3. O desânimo é uma expressão de orgulho

Por que é que o desânimo produz tão fortes e tão funestas impressões numa alma cristã? Ei-lo aqui. A alma está bem convencida da sua fraqueza, que muitas vezes ela experimenta; sente vivamente a dificuldade que tem em se vencer, coisa que lhe sucede raramente. Toda ocupada dessas ideias tristes e desalentadoras, de que tem pouca coragem, de que não faz nada para agradar a Deus, ela considera como coisa inútil recorrer ao Senhor, que, nesse estado, não deve escutá-la. Estranho efeito do orgulho do homem, que quereria dever a si mesmo o bem que faz e a felicidade a que aspira, contra esta palavra do Espírito Santo: Que tendes que não tenhais recebido?[1]

Essa alma, pois, não reflete, nem parece contar senão com as suas obras e com as suas próprias forças, de sorte que o seu desânimo diminui, cessa, volta ou aumenta, conforme ela age bem ou mal. Ela não pensa que só e exclusivamente da misericórdia de Deus é que deve esperar socorro, e não dos seus próprios méritos; que, quando ela faz o bem, é pela graça de Deus que o faz – graça que ela não pôde merecer; e que, em qualquer estado, essa misericórdia lhe está aberta para obter essa graça.

Quando fazemos sentir a essas almas desanimadas que, a exemplo dos santos, devem pôr toda a sua confiança em Deus, sem hesitar elas respondem não ser surpreendente que os santos tivessem confiança em Deus, visto serem santos, e servirem a Deus com fidelidade, mas que elas não têm as mesmas razões que os santos para ter essa confiança perfeita. Não veem que esse raciocínio é contra os princípios da Religião.

A Esperança é uma virtude teologal – o motivo dela só em Deus se pode achar. Essas almas fazem dela uma virtude humana, cujo motivo se acha no homem e nos seus costumes. Não – os santos nunca esperaram em Deus porque eram fiéis a Deus; foram

fiéis a Deus por haverem esperado n'Ele. Do contrário, o pecador jamais poderia formular um ato de Esperança e, no entanto, é esse ato de esperança que o dispõe a voltar a Deus.

Notai bem que São Paulo não diz: *Obtive misericórdia porque fui fiel*, mas diz: *Obtive misericórdia a fim de ser fiel*.[2] A misericórdia precede sempre o bem que fazemos: é ela que nos dá as graças que no-lo fazem praticar. Os santos nunca contaram com as suas obras para apoiarem a sua confiança em Deus; estavam por demais compenetrados desta lição que Jesus Cristo nos dá: *Quando tiverdes feito tudo o que vos é mandado, dizei: somos servos inúteis*.[3]

Quanto mais santos eles eram, tanto mais humildes eram. A sua humildade não lhes deixava enxergar senão a perfeição a que ainda não haviam chegado. Bem distanciados dos sentimentos do fariseu do Evangelho, eles não achavam nada em si que pudesse assegurar a sua confiança, mas procuravam e achavam no seio de Deus os fundamentos inabaláveis dela. Tais são os motivos que os sustentaram; tais devem ser os que vos animarão e que reanimarão a vossa fraqueza abatida. É importante que sejais instruídos sobre este ponto, para que não caiais novamente na armadilha que o demônio vos tem tantas vezes lançado.

***

4. O verdadeiro motivo da Esperança cristã

Consoante a Religião, o motivo da Esperança cristã, ou da confiança em Deus, é o mesmo para todos os homens, sejam santos ou pecadores. A Esperança, como já dissemos, é uma virtude teologal, como a Fé e a Caridade. O seu motivo não pode, pois, ser achado senão em Deus e não pode apoiar-se senão nas perfeições divinas. Assim sendo, excluímos desse motivo os nossos méritos. Não esperamos em Deus por lhe havermos sido fiéis: esperamos n'Ele para obtermos a graça de lhe sermos fiéis.

Em que é que se funda, pois, a Esperança cristã? E qual é o motivo dela segundo a Religião? O Papa Bento XIV, no modelo do *Ato de Esperança*, exprimiu as perfeições divinas que formam esse motivo. Esse ato é assim: *Meu Deus, espero em vós porque sois fiel às vossas promessas, sois todo-poderoso, e porque infinitas são as vossas misericórdias*. Nesse motivo, não há nada do homem; tudo é tomado em Deus mesmo. E pode haver motivo mais forte para nos firmar na Esperança, na confiança em Deus?

Achamos aí a misericórdia de Deus, que é mais solícita em derramar os seus dons sobre os homens do que estes são em recebê-las; que quer o verdadeiro bem deles, a sua salvação, muito mais sinceramente do que o querem eles próprios, visto que Ele os previne pela sua graça, graça que eles não podem merecer; visto que lhes prepara socorros proporcionados às provações em que os coloca – socorros que eles podem obter por suas preces, e de que podem fazer uso para resistir ao inimigo da salvação. Misericórdia infinita, por conseguinte, superior a toda a malícia dos homens, e que, depois de se haver manifestado de maneira tão evidente e tão admirável pelo dom que Deus nos fez de seu Filho único para nos remir, não nos recusará os socorros que Ele tem em vista proporcionar-nos por meio desse benefício extraordinário.

Os efeitos dessa divina misericórdia são-nos assegurados pelas promessas que Deus nos fez de vir em nosso socorro quando o reclamássemos, para operar a nossa salvação. Essencialmente verdadeiro, Deus não pode enganar-nos, e Ele é essencialmente fiel às promessas que faz às suas criaturas. Ora, nos Livros Santos achamos as exortações mais tocantes para recorrermos a Ele nas nossas necessidades, com promessa de que Ele será o nosso sustentáculo e a nossa força. Podemos, então, ter a menor desconfiança, o menor temor refletido de que Ele nos rejeite, de que nos abandone, quando o invocarmos com confiança? Não seria isto acusar Deus de faltar à sua promessa? Ora, isto seria uma blasfêmia.

Verdade é que, para nos atender, Deus exige que o invoquemos com confiança. Mas também mereceríamos obter os seus benefícios se os pedíssemos com um coração vacilante sobre a sua bondade, cujos efeitos experimentamos a cada instante e de tantas maneiras? Não, diz-nos o Apóstolo São Tiago (Tg 1, 6), um coração que reza com essa disposição de desconfiança não obterá nada. E vemos que Jesus Cristo, na sua vida mortal (Mt 9, 22), só concedia milagres à confiança.

A onipotência de Deus dá o último traço a este motivo de Esperança cristã, fazendo-nos considerar-nos superiores a todas as nossas necessidades. Muitas vezes, os homens prometem o que não está no poder deles dar: assim não sucede com Deus onipotente. Ele não pode achar obstáculo insuperável à sua vontade nos dons que quer fazer-nos. Nos tesouros infinitos das suas graças Ele tem meios infalíveis para nos conduzir à santidade. Nunca devemos, pois, recear pedir-lhe ou coisas demasiadas ou coisas demasiadamente difíceis.

Infinitamente rico, Deus possui todos os bens, na ordem da graça, como na ordem da natureza. Infinitamente poderoso, não há nenhum dos seus bens de que Ele não nos possa dar parte. Infinitamente bom, Ele está disposto, segundo as suas promessas, a nos conceder tudo o que nos é necessário para a nossa salvação. É nesses motivos essenciais, hauridos nas perfeições de Deus, que todos os homens devem fundar a sua esperança. Só eles podem dar à nossa confiança essa firmeza inabalável que ela deve ter.

***

5. Confiar nos merecimentos de Jesus Cristo

Uma alma atacada pelo desânimo acha-se dominada por um temor excessivo, que a impede de refletir sobre os fundamentos inabaláveis da confiança em Deus. Não se lhe poderiam, pois, dar motivos demasiados para dissipar esse temor que a perturba incessantemente. Esses motivos, ela os achará, poderosos, nos sofrimentos de Jesus Cristo, que são de um valor infinito pela dignidade da Pessoa divina.

Morrendo por todos os homens, rogando por todos, oferecendo seus sofrimentos e sua morte, Jesus Cristo mereceu-lhes a todos as graças que devem sustentá-los nos combates da salvação e conduzi-los à felicidade da eternidade. Esses merecimentos, de que não tinha necessidade para si mesmo, Jesus Cristo cedeu-os aos homens, de sorte, diz São Bernardo, que eles se tornam os próprios merecimentos dos homens. É apresentando-os a seu Pai que nós obtemos esses socorros que nos tornam tão fortes contra os inimigos da salvação. É baseada neste princípio que a Igreja, em todas as orações que faz a Deus, roga pelos merecimentos de Jesus Cristo Nosso Senhor.

Mas, dirá uma alma assustada com a vida que tem levado, com que olhos pode Jesus Cristo olhar-me, depois de tantos ultrajes que lhe tenho feito? Quererá Ele ainda interessar-se por um inimigo que por tanto tempo e tão indignamente o desprezou? E uma alma cristã e instruída pode duvidar disto? Jesus Cristo não nos assegura que foi especialmente pelos pecadores que Ele veio sofrer e morrer? Que especialmente os pecadores é que Ele veio procurar? Apesar desta segurança, julgar-se-á ainda que a qualidade de pecador seja um título para ser recusado, quando se pedem socorros para voltar a Deus?

Não, o céu e a terra passarão, mas a palavra de Jesus Cristo não passará sem se cumprir. As suas promessas dizem respeito aos

pecadores e, se não houvesse pecadores, Jesus Cristo teria sofrido? Teria suportado uma morte tão cruel? Quanto mais pecadores são os homens, tanto mais a misericórdia de Deus e o poder dos merecimentos do Salvador se exercem com brilho. Haverá crime mais negro do que a perfídia de Judas? Sim, responde São Jerônimo, há um ainda mais enorme, e é o desespero: Judas tornou-se mais culpado dando-se a morte do que traindo o seu bom e divino Mestre.

Não receemos, pois, recorrer aos merecimentos de Jesus Cristo. Nós honramos esses merecimentos ao colocá-los em obra para obtermos os socorros de que havemos mister, visto ter sido por isso que Jesus Cristo se dignou de adquiri-los e de no-los ceder. É aplicando-os pela oração e pelas boas obras que nós operamos o bem para o qual eles foram adquiridos.

Estranha maneira de honrá-los seria não ousarmos fazer uso deles: isto seria ir diretamente contra o fim que esse divino Salvador se propôs. Deixar inúteis os seus dons não é testemunhar que os estimamos, é considerá-los como indiferentes. Já que nos reconhecemos pobres, cheios de misérias e de fraquezas, devemos procurar enriquecer-nos, curar-nos dos nossos males, fortalecer-nos. Jesus Cristo oferece-se a nós para operar este prodígio, oferecendo-nos os seus méritos infinitos: *Vinde a mim*, diz-nos Ele com bondade, *e Eu vos aliviarei*.[4] Não é contra todos os princípios, contra todos os sentimentos, e igualmente contra a intenção do Salvador, recearmos recorrer a eles?

A tentação serve-se de tudo para desanimar as almas: faz-lhes achar nos sentimentos de uma humildade mal entendida razões de temor que as lançam no abatimento. A humildade cristã, de acordo com a razão, pede que nos reconheçamos indignos dos benefícios do Céu, mas não exige que recusemos os que nos são oferecidos; não exige que não peçamos aqueles que nos foi prometido e seriam concedidos às nossas preces. Bem mais: a gratidão que devemos a Jesus Cristo exige que nos conformemos com a sua vontade, aproveitando-nos daquilo que Ele sofreu para nos proporcionarmos os socorros que Ele nos mereceu. Nunca o honraremos melhor do que nos conformando com os objetivos de misericórdia que Ele teve em se imolando por nós.

Com que poderíamos contar para aplacar a Justiça de Deus, ultrajado pelo pecado, e para atrair sobre nós a sua Misericórdia, se não contássemos com os méritos do nosso Salvador? É apresentando-os a Deus que conseguiremos dobrar essa misericórdia. Se em nós Ele só vê objetos que provocam a sua justiça, em seu Filho só vê objetos que solicitam a sua misericórdia. Essa divina misericórdia exerce-se para conosco, desde que, com sentimentos de pesar, nos apresentamos a Ele, à sombra da cruz do Deus Salvador, e cobertos do seu sangue adorável derramado por nós. E assim os direitos da sua Justiça são salvos. A misericórdia e a verdade, a justiça e a paz fazem entre si uma aliança a mais humilde em nosso favor.[5]

***

6. Confiar na constância e misericórdia de Deus

Uma alma religiosa[6] acha na sua vocação um traço bem assinalado da misericórdia de Deus sobre ela. Em qualquer estado que esteja, toda alma que, depois de haver servido a Deus, se transviou nas vias do pecado ou do relaxamento, e que, em certos tempos, voltou a Deus, não pode duvidar das atenções misericordiosas do Senhor, que os méritos de Jesus Cristo lhe proporcionaram.

O bom pensamento, o santo desejo de se consagrar a Deus, ou de tornar a entrar na prática exata dos seus deveres, não foi Jesus Cristo quem lhes deu? A força, a coragem de fazer a Deus o sacrifício dos bens, dos prazeres do mundo, da sua própria vontade, das suas paixões, não foi de Jesus Cristo que ela as recebeu? Os sentimentos experimentados por Deus e que a sustentaram na sua consagração e nos combates dados à natureza, não foi Jesus Cristo quem lhes inspirou?

Se uma alma tivesse a presunção de se atribuir tudo isso, seria desmentida, quer pela experiência reiterada da sua fraqueza, quer pelo oráculo de Jesus Cristo. Dizia Ele aos seus apóstolos, e ainda diz a toda alma que se consagrou ao seu serviço: *Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que fiz escolha de vós*,[7] e isso quando nem pensáveis nisso, quando vivíeis na dissipação, quando fugíeis de Mim, quando me resistíeis com tanta obstinação.

Ora, teria Jesus Cristo escolhido essa alma tão especialmente, se não quisesse sinceramente ajudá-la, quando ela reclamar o seu socorro? Pode-se pensar isto, e atribuir a Deus semelhante contradição? Não. Se essa alma recorrer a Ele na necessidade, Jesus Cristo rematará a obra que começou nela, e conduzi-la-á à perfeição do seu estado. A sua palavra está empenhada nisso, e Ele convida incessantemente essa alma

desanimada a lançar-se amorosamente nos braços da sua misericórdia, para aí procurar e achar a sua salvação.

Não emprestemos a Deus as nossas paixões e os nossos erros, e tudo isso será para nós sem dificuldade. Se alguém a quem prestamos os serviços mais importantes só nos testemunha indiferença e ingratidão; se só por ultrajes corresponde aos benefícios de que o cumulamos, nós nos cansamos finalmente; consideramo-lo como um indigno dos nossos desvelos, mormente se ele sempre se serviu dos nossos benefícios para nos ultrajar; e abandonamo-lo absolutamente. Acreditaríamos agir contra as regras da prudência se continuássemos a fornecer-lhe armas contra nós.

Eis aí o sentimento que emprestamos a Deus, cujos juízos e caminhos estão tão distantes dos nossos como o céu está distante da terra. Deus suporta os nossos desvarios porque é eterno e onipotente, e porque a Ele não pode faltar o tempo em que a sua justiça porá tudo na ordem, e para sempre. Suporta-os porque é infinitamente bom, e porque quer dar-nos os meios de voltar a Ele. Deus, a quem nada pode ser oculto, desde toda eternidade viu as nossas fraquezas, as nossas ingratidões, as nossas quedas reiteradas. Viu que não podíamos sustentar-nos e voltar a Ele sem o seu socorro – esse socorro, nos preparou Ele em Jesus Cristo. Convida-nos, exorta-nos, ordena-nos mesmo a implorá-lo depois das nossas quedas, para nos levantarmos; promete-nos ajudar-nos e ser-nos propício. Ajudando-nos e perdoando-nos é que se exerce a sua misericórdia.

Esse procedimento de sua parte, Deus nos manifestou de maneira bem evidente no povo judeu. Esse povo, muitas vezes idólatra, muitas vezes Deus puniu para fazê-lo reentrar em si mesmo e reconduzi-lo ao dever da obediência. Se ele abandonava o seu Deus para servir deuses estranhos, o Senhor entregava-o a inimigos cruéis, que o retinham em dura servidão. Se, coberto de males na escravidão, ele voltava ao seu Deus com confiança, na sinceridade do seu coração, Deus lhe dava um libertador, que o libertava da dura dominação sob a qual ele gemia; e essas vicissitudes duraram por quatrocentos anos.

Julgai por aí se o nosso Deus se cansa de nos perdoar quando o invocamos com sincero pesar das nossas infidelidades. Se

esse procedimento do Senhor para com seu povo não vos tranquilizar, escutai o Rei Profeta, inspirado pelo Espirito Santo. Ele vos assegura que Deus nunca rejeita um coração contrito e humilhado.[8]

Efetivamente, é Deus quem nos atrai pela sua graça todas as vezes que, espantados à vista dos nossos pecados, temos o pensamento, o desejo de voltar a Ele depois das nossas quedas. Será então para não nos receber que Ele nos chama? Quem poderia pensá-lo? Ele diz a São Pedro que perdoe todas as vezes que for ofendido.[9] As suas lições são a expressão dos sentimentos do seu coração.

Ah! Conhecemos mal esse coração divino, se lhe emprestamos o nosso modo de pensar, e se supomos n'Ele a menor indiferença por nós. Enquanto estamos neste mundo, estamos sob a providência da Misericórdia, e podemos sempre aproveitar dela. Só a morte nos coloca sob a providência imutável da Justiça.

***

7. Só se perde a confiança perdendo a fé

Deus, pai terno de todas as suas criaturas, empregou todos os meios para tranquilizá-las contra esses temores excessivos que as afastam d'Ele. Receando que, compenetrado da sua ingratidão, espantado com as suas infidelidades reiteradas, depois de tantas vezes lhes haver obtido o perdão, o homem perdesse toda a esperança e não mais ousasse dirigir-se a Ele para sair do abismo em que seria precipitado, não somente Ele lhe assegura que os que esperam n'Ele não serão confundidos,[10] mas lhe declara de maneira bem precisa a sua vontade misericordiosa sobre este ponto importante: impõe-lhe como preceito esperar n'Ele.

Esse preceito, só podemos cumpri-lo utilmente pela sua graça. Poderia Deus ter estabelecido esse preceito se não tivesse querido ajudar-nos? E, se o estabeleceu, pode não ficar sensibilizado com a nossa obediência, quando o invocamos na sinceridade do nosso coração? Pode abandonar-nos, quando cumprimos aquilo que Ele nos prescreveu para obtermos o seu socorro? Não. Deus não falta à sua palavra. Se sucumbimos, é que a nossa confiança se enfraquece, é que temos falta de fé.

Quereis uma prova e um exemplo disto? Vos forneço o Evangelho. Fiado na palavra de Jesus Cristo, Pedro, cheio de confiança, anda sobre as águas. O vento vem a soprar, a confiança do Apóstolo diminui: ele teme, começa a afundar. Excitando o temor, o perigo reanima a confiança – Pedro recorre ao seu divino Mestre, que lhe estende a mão para impedi-lo de perecer. Para nos instruir, Jesus não quis deixar seu Apóstolo ignorar a causa do perigo que este havia corrido. Exprobrou-lhe a sua falta de confiança: *homem de pouca fé,* diz-lhe Ele, *por que duvidaste?* [11]

Imagem natural, esta, do que muitas vezes acontece a uma alma cristã. Enquanto tudo está em paz no seu coração, ela anda com confiança para ir a Jesus Cristo, conforme Ele a chama. Mas

acaso o vento da tentação vem a elevar-se? Acaso as dificuldades da virtude fazem-se sentir? Então ela se perturba, esquece-se de que anda fundada na palavra de Jesus Cristo, começa a temer. Hesita na sua confiança, que se enfraquece sempre mais por essa infidelidade, e ela começa a afundar; e, se a volta da confiança não lhe atrai um pronto socorro, ela sucumbe.

São Pedro estava perdido, se não houvesse chamado Jesus para salvá-lo, e esse bom Mestre não lhe faltou. Se uma alma cristã, depois de imitar a fraqueza desse apóstolo, em vez de perder um tempo precioso em se assustar, em se lamentar, invocasse como ele o seu Salvador, logo experimentaria a proteção d'Ele. Evitaria tantas quedas e tantas inquietações que a sua pouca confiança lhe ocasiona. Mas, nesse caso, só deve ela queixar-se de si mesma, se não aproveita o socorro que está sempre pronto, que lhe é sempre oferecido. Ela conhece o perigo, sabe o meio de se subtrair a ele – é realmente culpa sua se não segue essa luz.

***

8. Confiar no socorro divino

Às vezes Jesus Cristo não se faz esperar muito tempo. Mal o invocamos, experimentamos sensivelmente o seu socorro. Apenas Pedro lhe diz: “Senhor, vou perecer, salvai-me”, Jesus Cristo estende-lhe a mão e o salva. Às vezes esse divino Salvador age de maneira mais oculta. Testemunha dos combates de uma alma cristã sem se deixar perceber, Ele nunca está mais perto dela, mais disposto a socorrê-la, quando ela o invoca, do que quando o perigo é maior e mais premente. Pelo fato de não experimentar uma força sensível, essa alma desanimada julga o seu Salvador bem distante, e Ele está no coração dela para sustentá-la. Ela acredita-o como que adormecido sobre as suas necessidades, e é Ele quem vela pela conservação dela, moderando as ondas das paixões que a põem em perigo. Diz-lhes: Ireis até aqui, e não passareis destes limites.[12]

Jesus Cristo, que nos instruiu por suas ações tanto como pelas suas lições, dá-nos sobre este assunto uma instrução tão sensível quanto consoladora. Ele está na barca de Pedro, batida por uma furiosa tempestade que a ameaça de pronto naufrágio. Parece adormecido e não tomar parte alguma na triste situação dessa barca, mas nem por isso dirige menos a manobra dos discípulos para os impedir de se perderem. O perigo e o trabalho duraram enquanto eles não pensaram em recorrer ao seu divino Mestre com essa confiança que alcança milagres. Mal o despertam pelos seus rogos, Jesus se levanta, manda aos ventos e às ondas, e a tranquilidade é imediatamente restabelecida.[13]

Quantas vezes a alma fiel não experimenta o que se passou então? Em certos tempos, a braços com mil tentações, que Deus permite para a manterem na humildade e na vigilância, ela se vê incessantemente à beira de um precipício que lhe faz horror. Parece-lhe estar sem força e a pique de sucumbir. Porém, malgrado os esforços do inimigo, ela conserva a sua boa vontade, embora a todo

instante receie perdê-la – resiste e continua a cumprir os seus deveres.

Nessa situação tão penosa, que força a sustenta? Ela não terá a presunção de pensar que resistiu por suas próprias forças, pelas suas resoluções, que eram tão vacilantes. Deve compreender que só uma força divina terá podido impedi-la de naufragar. Jesus Cristo agia secretamente no coração dela. Esse socorro não lhe era sensível a ela, mas nem por isto era menos real. O braço que a amparava não se deixava perceber, mas nem por isso era menos forte. Sem saber como, ela resistiu, saiu vitoriosa do combate pela graça de Jesus Cristo, que nunca a abandonou, e que finalmente restabeleceu nela a paz perturbada pela tentação. É nessas ocasiões que uma alma deve esperar contra toda esperança,[14] e será sempre sustentada.

9. Não se pode vencer sem combate

Facilmente convimos sobre a força dos motivos da Esperança cristã, mas por quantos pretextos não procura o demônio enfraquecê-los na aplicação que a alma desanimada faz deles a si mesma! Naturalmente preguiçoso, o homem teme o esforço. Desde que ele se dá a Deus, quereria fruir da felicidade do seu estado sem que isso lhe custasse muito. Esquece-se de tudo o que Jesus Cristo disse: Só os que se fazem violência é que arrebatam o céu.[15] Não presta atenção a que Jesus Cristo não quis entrar na sua glória senão pelos seus sofrimentos;[16] e que só conduziu ao céu os santos pelas cruzes, pelos combates, pelos sacrifícios, pela renúncia às suas paixões e às suas vontades.

O Céu é uma recompensa: cumpre merecê-la pela preferência que damos a Deus, à sua vontade santa, sobre aquilo que temos de mais caro, desde que Deus exige o sacrifício disso. É, pois, um princípio certo, e São Paulo nos declara em alto e bom som da parte do Senhor: *Ninguém será coroado se não houver legitimamente combatido até o fim.*[17] Pretender a coroa da Justiça sem combate é raciocinar contra os princípios da fé; esperar por combates sem penas é ir contra as luzes da razão.

Não ignoramos o que Deus exige, e é disto que o demônio tira pretexto para desanimar uma alma cristã, servindo-se da preguiça, tão natural ao homem, para desviá-lo do trabalho necessário à salvação. Não custa nada seguir os próprios pendores naturais: o que custa é reprimi-los. O inimigo do homem não tem dificuldade em fazer degustar e seguir o primeiro partido.

Para isso, faz-lhe um quadro impressionante das dificuldades que ele achará no serviço de Deus; desse constrangimento contínuo em que será obrigado a viver; e sobretudo desses combates que incessantemente terá de sustentar contra si mesmo. Ocultar-lhe-á com cuidado a paz do coração de que se goza quando se obedece a

Deus; as sólidas consolações que ele achará nas suas penas pela esperança das recompensas; mostrar-lhe-á em toda a sua extensão a sua fraqueza; lembrar-lhe-á as suas quedas a despeito das suas resoluções; e não lhe deixará perceber a misericórdia de Deus e o braço todo-poderoso por cujo socorro ele sempre triunfou.

Eis aqui os progressos dessa disposição da alma. Compenetrada da sua fraqueza e das dificuldades da empresa, em vez de dizer com o santo rei Davi: *Mesmo quando acampamentos inimigos se elevassem contra mim, eu não temeria, ó meu Deus, porque estais comigo* (Sl 22), ela cai no abatimento. Este sentimento não lhe deixa ver senão fracamente o socorro do Céu; ela conta pouco com ele; quase não ousa pedi-lo; talvez mesmo receie obtê-lo, para não renunciar às suas inclinações, que ama. Nesse estado, não acreditando poder constranger-se constantemente pela oposição que encontra, ela nada ou quase nada ousa empreender para se vencer. A primeira queda confirma-a no seu modo de pensar – de que não poderá conseguir constranger-se, e de que é preciso aguardar um tempo em que as suas paixões já não sejam tão vivas.

Dessa forma, tudo se lhe torna difícil: o aborrecimento, e o espírito de independência com relação aos seus deveres, se apoderam da mente e do coração, e lhe tornam esses deveres extremamente penosos. Os exercícios de piedade, ela os omite, ou se desobriga deles com tanta negligência, que eles não podem tornar-lhe favorável o seu Deus, a quem ela esquece. A dissipação de espírito e de coração sucede ao espírito interior que a fazia agir; ela abandona o bem que praticava; resiste às graças, aos remorsos; desvia-se dos bons pensamentos; já não segue senão as suas inclinações, os seus caprichos, o seu temperamento, nos quais não acha obstáculo. Apesar das inquietações que, por misericórdia, Deus lhe proporciona nesse estado de preguiça e de tibieza produzido pelo desânimo, ela ainda gosta mais dele do que de se constranger por amor de Deus. É o ponto a que o inimigo da salvação queria conduzi-la: queria impedi-la de pensar, de trabalhar na sua salvação, e consegue-o por essa via.

Estes detalhes, quiçá um pouco longos, far-vos-ão conhecer melhor o plano de ataque do inimigo, e colocar-vos-ão melhor em estado de lhe opor um plano de defesa que lhe inutilize os esforços.

Compreendo que uma alma que encara todas as penas que podem encontrar-se no serviço de Deus, e que as encara todas ao mesmo tempo, e por uma longa vida, possa ficar assustada com elas. Mas é assim que se tem de suportar as penas da vida cristã? Não. Suportamo-las, combatemo-las a retalho: ora uma, ora outra, conforme as ocasiões. Se há umas que voltam com frequência à carga, outras há que só raramente se apresentam. Devemo-nos firmar contra as primeiras em particular, e premunir-nos contra as outras pelo exercício frequente do amor de Deus. Seria mister incidir na pusilanimidade mais estranha, para não ousar resistir a um inimigo que ataca sozinho, e que muitas vezes só tem de força aquela que ele tira da nossa fraqueza. Acaso o temeis? Então ele vos esmaga. Sob a proteção de Deus, a quem invocais, lhe resistis? Então ele não se aguenta muito tempo, foge, desaparece por longo tempo.

Nunca encareis como reunidos, objetos que só separadamente se apresentam. Uma alma, em cada momento, só tem que responder pela ação que então pratica. Ocupar-se, nesse instante, com as penas que ela pode ter pelo tempo adiante, é atormentar-se com um futuro muito incerto; é ir ao encontro da tentação, e da tentação mais desarrazoada; é armar ciladas a si mesma; não é ser tentada, é tentar-se a si mesma. É sempre contra a razão proporcionar-se antecipadamente, na sua imaginação, males que talvez nunca se tenha ocasião de experimentar. *A cada dia basta a sua pena* (Mt 6,34);[18] é contra a Religião e contra a Prudência cristã expor-se a si mesmo à tentação.

Portanto, se uma alma se faz violência para agradar a Deus, na esperança da recompensa; se, a cada pena que experimenta, só presta atenção a essa, para fazer dela um santo uso; suportá-las-á todas sucessivamente, e mais facilmente, e com maior mérito, pelo socorro do Senhor.

Uma alma religiosa acha repugnância no incômodo, no constrangimento que a obediência e a regularidade pedem. Se, neste sentimento, cuja força experimenta, ela encara esse constrangimento por toda a sua vida, ficará perturbada, desconcertada, desanimada. Se o encarar só por um dia, por um meio dia, ou mesmo para cada ação, à medida que está se

apresentar, já não o achará tão difícil de praticar. Muitas vezes, é questão apenas de um momento, e toda a pena passa desde que a determinação é tomada.

Outra reflexão que deveis fazer é de que muito nos enganamos se pensamos que a pena que achamos em nos constrangermos, para cumprirmos os nossos deveres e agradarmos a Deus, durará sempre com a mesma vivacidade e com a mesma impressão que sentimos no começo. A experiência, fundada mesmo em razões físicas, ensina-nos que, à medida que praticamos amiúde uma ação, ou que pelo socorro da graça nos acostumamos a agir por bons motivos, contraímos o hábito de assim fazer, e achamos nisso sempre mais facilidade. A pena diminui sempre mais, e afinal cessa quase inteiramente.

Constranjamo-nos durante algum tempo a fazer uma ação com fidelidade e com exatidão quanto ao tempo e ao lugar, e em breve a faremos quase sem o percebermos, e o motivo de religião apresentar-se-á por si mesmo, de modo que essa facilidade se torna às vezes um motivo de aflição para certas almas que, sem propósito, imaginam não ter merecimento onde não têm dificuldade e onde já não acham motivo algum de sacrifício. Elas não prestam atenção a que é o motivo sobrenatural, sob a influência da graça, que dá o mérito às nossas ações, e não simplesmente a pena que nelas achamos.

Aliás, a Religião nos ensina que o Senhor recompensa a fidelidade que pomos em nos constrangermos por Ele, e recompensa-a por graças que nos tornam não somente fáceis, porém doces, as penas que suportamos. Ensina-nos que, ainda quando essas penas se fizessem sentir por mais tempo, Ele jamais permitirá que a provação seja acima das nossas forças, auxiliadas pela sua graça, que Ele nos prometeu, e que sempre podemos obter pela oração. Contai com essa promessa, visto que não pode ela ser falsa.

Nunca encareis a incerteza da perseverança sem pensardes nas promessas que Deus nos fez, quer quanto aos socorros, quer quanto às recompensas, e esta reflexão bastará para vos tranquilizar e vos reanimar.

***

10. Não tentarás o Senhor teu Deus

Mas afinal, dizem certas pessoas, é mesmo preciso que eu esteja na disposição de cumprir as minhas obrigações? Ora, quando eu as represento, não sinto na minha vontade força para sustentar esse combate, tão penoso, durante a minha vida toda. Como então não tremer, não cair no desânimo?

Primeiramente, já fizemos notar que essa pena não dura sempre com a mesma força, e nem causa sempre impressões tão sensíveis. Não deveis, pois, julgar da dificuldade que tereis em perseverar pela pena que experimentais neste momento. Começai com os socorros presentes, e esperai os mesmos socorros para o futuro.

Mas, em segundo lugar, Deus proíbe nos pormos temerariamente na ocasião da tentação. Ele não prometeu o seu concurso àquele que, prevenindo por uma previdência insensata as provações a que pode ser submetido, reúne na sua imaginação tentações que talvez nunca experimente, e que certamente não experimentará assim reunidas num só momento. Hoje não tendes a força de encará-las porque, ainda não havendo chegado o tempo de sustentar o combate, não tendes a graça que só vos é preparada para esse tempo de prova. De admirar não é, pois, que essas tentações vos assustem de antemão. Mas então, por que vos tentardes assim a vós mesmo e contra a vontade de Deus?

Por que procurardes sondar o vosso coração sobre as cruzes pesadas, sobre as tentações violentas, sobre os combates obstinados que outros tiveram de sustentar, e que, absolutamente falando, podem vos sobrevir, para saberdes qual é a vossa disposição a esse respeito? Porquanto Deus, que vos prometeu robustecer a vossa vontade quando Ele exigir esses sacrifícios, não vos prometeu as mesmas graças quando, por vossa vontade própria, sem a isso serdes por Ele chamado, vos colocais pela imaginação

nessas circunstâncias que não existem, e que talvez nunca venham a existir para vós.

Uma alma solidamente cristã é humilde; teme e evita o perigo, bem longe de procurá-lo; é temerariamente, é por uma presunção secreta, é por um amor-próprio oculto, que vos colocais nesse estado de tentação – será então surpreendente que só sintais fraqueza, incerteza na vossa vontade? Deus não nos dá sua graça segundo os nossos caprichos, mas segundo a necessidade que temos dela, submetendo-nos às ordens da sua Providência. É por aí que a tentação ilude e seduz almas ou imprudentes ou mal instruídas. Entretém-nas com sacrifícios ou quiméricos ou remotos, sobre os quais o Senhor não lhes inspira nada; e desvia-as da atenção que elas devem dar aos sacrifícios presentes que Deus pede delas. Assim, elas correm atrás de sombras, e perdem a realidade.

A disposição da alma fiel, para agradar a Deus, não deve, pois, ser a de procurar na sua imaginação tudo o que lhe pode suceder de rigoroso, a pretexto de aceitá-lo com generosidade. Essa investigação Deus não a aprovou, mas proíbe-a mesmo. De algum modo, isso é tentar a Deus. Por melhor que vos pareça a intenção que a isso vos leva, deveis desconfiar dela, e dela desviar-vos. O que Deus exige é que o homem esteja na disposição geral de evitar todo pecado mortal e tudo o que a este pode conduzir; de suportar com submissão as cruzes que a sua Providência lhe apresenta cada dia; e de não fazer para si cruzes na sua imaginação, para carregá-las antes de elas chegarem.

Sempre será tempo de sofrer, quando o Senhor o permitir, sem querermos sofrer, por antecipação, penas que Deus ainda não nos dá para suportarmos, e que talvez nunca nos imponha. Essas penas imaginárias, ou imprudentemente previstas de antemão, tornar-se-ão tanto mais pesadas quanto as carreguemos sós, sem o socorro de Deus.

E se essas cruzes se apresentarem por si mesmas, e sem que as procuremos, o sentimento que então deve elevar a alma a Deus deve ser o de lhe dizer com confiança e com amor: “Ó meu Deus, se permitirdes que essas cruzes me sobrevenham, espero que, segundo as vossas promessas e pelos merecimentos de Jesus

Cristo, me ajudareis a carregá-las”. Após esta curta oração, deve ela deixar cair essas imaginações perigosas, e aplicar-se aos deveres presentes que tem a cumprir; a se mortificar nas ocasiões que se apresentarem, e a dar, por essa fidelidade, provas do seu amor bem mais seguras e mais úteis.

***

11. Tédio e secura não devem nos desanimar

Uma alma que, apesar das suas orações constantes, se acha combatida por algum defeito que a domina, por alguma tentação que a assedia; uma alma que no serviço de Deus só acha aborrecimento, tédio, repugnância, essa alma está na maior perplexidade. Logo o demônio lhe sugere que Deus não a escuta mais; que as suas orações são inúteis, e, assim, a conduz ao precipício do desânimo, de onde ela já não vê em Deus senão um Senhor, ou insensível ou irritado, a quem não espera mais poder agradar.

O que ilude essa alma, que Deus não abandona, mas que prova, é que, servindo a Deus com essas repugnâncias, com esse aborrecimento, com essa secura de coração, ela pensa que o que faz não pode ser agradável a Deus, nem lhe ser de mérito algum para si mesma. Esta visão a princípio aflige-a, e em breve perturba-a e desanima-a inteiramente, se o Senhor não lhe restituir o atrativo e o gosto que ela perdeu, como ela lhe pede incessantemente. Reconduzamos essa alma aos princípios da Religião, e logo ela será tranquilizada sobre o seu estado, que ela só julga ser mau por não ajuizar dele segundo as boas regras.

Esse aborrecimento, essas repugnâncias, esses tédios, que não raras vezes são acompanhados por outras tentações, em si mesmos não são pecados – nem sequer são imperfeições. Tudo isso não pode, pois, impedir que os deveres que cumpris para fazerdes a vontade de Deus sejam agradáveis a Ele e meritórios para vós. Os homens, que não veem o interior, só julgam da bondade e do mérito das ações por essas demonstrações exteriores de solicitude, o que faz que, aos olhos deles, a maneira de fazer as coisas aumente ou diminua muito o que se faz por eles. O mesmo não se dá com Deus, que, conhecendo o fundo do coração, julga da sinceridade dos sentimentos por estes mesmos, independentemente dos sinais exteriores. Com relação a Deus, basta fazer a sua vontade santa.

A prova desta verdade é sem réplica. É a palavra e o exemplo de Jesus Cristo. Instruindo os povos, dizia-lhes esse divino Salvador: *Aquele que fizer a vontade de meu Pai será salvo*.[19] Ele não exige que a façamos com gosto, com um atrativo sensível: exige que a façamos, seja qual for a dificuldade que achemos em fazê-la, e então promete a salvação. Se esse estado de aborrecimento, de tédio não impede uma alma cristã de fazer aquilo que Deus exige na prática dos deveres da sua profissão, não pode ele, pois, ser por si mesmo um mal que a afaste da santidade e da salvação.

Esse divino Salvador confirma-nos a sua doutrina pelo seu exemplo. Incapaz não somente de pecado, mas de imperfeição, para nossa instrução e para nossa consolação Ele mesmo se dignou de passar pelas provas a que queria submeter os seus discípulos. Assim, no deserto, permitiu ao espírito tentador atacá-lo pelas sugestões da vaidade, das honrarias mundanas, da confiança presunçosa. Assim, no Horto das Oliveiras, à vista dos sofrimentos que os homens lhe preparavam, da ingratidão dos homens a seu respeito, Ele quis experimentar o tédio mais acabrunhador, a tristeza mais profunda, a repugnância mais viva. Como nem essas tentações, nem esses sentimentos de desgosto levados a esse excesso impediam a sua fidelidade, a sua submissão às ordens de seu Pai, nesse estado de tentação e de acabrunhamento Ele nem por isso era menos a admiração do céu e o objeto das complacências de seu Pai.

Certo é, portanto, que o estado de tentação, de aborrecimento, de tédio, de perturbação, de repugnância que uma alma pode experimentar, a qualquer grau que seja levado, não é mau em si mesmo; que esses sentimentos involuntários nem sequer são imperfeições; que eles não impedem que os deveres que nesse estado cumprirdes sejam agradáveis a Deus e meritórios para o Céu.

Eu não poderia insistir demais nas provas desta verdade. Vejo muitas almas que, apesar da palavra e do exemplo de Jesus Cristo, estão sempre perturbadas com o que sentem nesse estado de secura e de tédio. Elas acham, nos livros, que se deve servir a Deus com alegria. Desde que elas não experimentam este sentimento, sentimento que Jesus Cristo não exige, que não depende delas, mas

unicamente de Deus, como o faremos notar noutro lugar, elas tremem de ser afastadas de Deus e de ser por Ele rejeitadas.

Raciocinemos, pois, sobre os princípios da Religião. Essas tentações, esse aborrecimento, esse tédio, desde que não aderis a eles para segui-los, então os experimentais contra a vossa vontade – eles não dependem de vós. Se dependessem, certamente não os teríeis, visto que eles vos causam tanto incômodo. Ora, sentimentos que não dependem de vós, aos quais não aderis, que combateis, mesmo, para não os seguir, não podem tornar-vos culpado diante de Deus. Deus só vos responsabiliza por aquilo que depende de vós fazer ou deixar de fazer, por aquilo que constitui uma escolha livre da vossa vontade.

Verdade esta de que não se pode duvidar depois das decisões da Igreja. Verdade que a razão sozinha nos faz conhecer. E que ideia teríamos da Bondade, da Justiça de Deus, se Ele punisse os homens por coisas que eles não puderam evitar? É, portanto, seguro que em si mesmo esse estado de uma alma cristã não tem nada que possa torná-la desagradável a Deus.

Devemos mesmo acrescentar, para consolo dessas almas perturbadas e desanimadas, que, se nessa situação elas são fiéis a não se relaxarem sobre os deveres do seu estado, testemunham com isso a Deus um amor mais fervoroso, recebem de Deus uma prova mais assinalada da sua proteção, têm nas suas ações mais mérito do que no estado em que, atraídas por um amor sensível, não acham quase nenhuma dificuldade. Não é duvidoso que, quanto mais inimigos um coração tem a vencer, quanto mais obstáculos tem a superar para cumprir a vontade de Deus, tanto mais robustecido deve ser pelo amor divino. Se o seu amor a Deus fosse fraco, ele não resistiria a tantos inimigos reunidos para destrui-lo. A fidelidade de uma alma, nessa situação, faz-lhe conhecer a misericórdia de Deus sobre ela pela força do amor cujo socorro ela experimenta para se sustentar; amor tanto mais poderoso e tanto mais meritório quanto menos sensível.

Nesses combates, muitas vezes longos e obstinados, pode uma alma cometer algumas faltas – isto é apanágio da humanidade –, mas que ela não se perturbe: essas faltas são em breve reparadas pelos sacrifícios que ela oferece incessantemente a Deus. Portanto,

se ela carregar essa cruz com submissão, se se renunciar quase a cada instante, para seguir as luzes que recebe no espírito de fé, pode temer ser rejeitada do número dos discípulos de Jesus Cristo? Esse divino Salvador não disse que, para alguém ser seu discípulo, é preciso renunciar-se, carregar a sua cruz e segui-lo? (Mt 16,24). É o que essa alma fiel faz, no aborrecimento, no tédio e na repugnância. Pode ela pensar que Deus deixe sem recompensa tantos sacrifícios?

Não, diz-lhe o Apóstolo (Hb 6,10): *Deus não é injusto, para esquecer os vossos trabalhos e as vossas penas.*[20] Sede, pois, fiel; a vossa recompensa está pronta: Deus não faltará à sua palavra. Alguns dias de uma pena leve, e depois uma eternidade de felicidade inefável, e de uma felicidade que geralmente começa desde esta vida pelas graças de consolação e de paz que Deus concede a essa alma, depois de a haver provado bastante. Eis aí o vosso destino, como tem sido o de todos os Santos.

***

12. Abandonar-se à vontade de Deus

Apesar dessas verdades tão bem estabelecidas, cumpre confessar que esse estado de tédio e de repugnância é sempre penoso de suportar. O homem foge naturalmente do sofrimento e dos combates. Em vez de se ocupar com as grandes vantagens que as suas vitórias lhe proporcionariam, mas, ao contrário, unicamente preocupado com aquilo que a guerra que tem de sustentar contra si mesmo lhe faz sofrer, ele não pensa nos bens preciosos que daí pode retirar. Volve-se, então, para o Senhor para obter o seu socorro.

Mas que é que lhe pede? Pede-lhe que Ele se digne de fazer findar esse estado de tédio, de secura, de repugnância. Se Deus não o atende, se quer prová-lo por mais tempo, ele imagina rezar em vão, imagina que Deus não o escuta; que Ele não alcança nada do que pede. A perturbação, o temor, o desânimo se lhe apoderam do coração. Nesse estado, ele não sabe pedir mais nada a Deus. Não se atreve mesmo a pedir. Diz mesmo como Jesus: *Senhor, passe longe de mim este cálice;* mas bem se resguarda de acrescentar com esse divino Modelo: *Contudo, faça-se a vossa vontade e não a minha*.[21] É preciso compenetrar-se bem dos princípios da Fé para se colocar nesse humilde abandono à Providência, que vela sobre nós com tanto mais cuidado quanto mais perfeito é o nosso abandono.

A Religião nos ensina que, na conduta que segue com as suas criaturas, chamando-as ao seu serviço, Deus não faz nada senão para a sua glória, e para a verdadeira felicidade delas. Só a Deus, pois, compete determinar a espécie de glória que Ele quer tirar do homem, e a trilha pela qual quer conduzi-lo à santidade e à felicidade. Quereria a criatura servir a Deus segundo as suas ideias e os seus gostos particulares; prescrever a Deus a maneira como quer ser conduzida pela sua Providência; determinar-lhe as condições a que quer que Ele ligue as suas recompensas? Seria uma

extravagância, um delírio; seria dar aos homens, como regra da sua conduta, todas as paixões, todos os erros.

Diante de Deus o homem não pode, pois, ter em partilha senão a submissão. O que lhe diz respeito é conhecer bem o caminho de Deus sobre ele e segui-lo com confiança, com amor, com docilidade. A Deus cabe traçar o plano; ao homem compete executá-lo, com o socorro de Deus. Se o homem entra nesse caminho com estas disposições, esse caminho será sempre o mais seguro para ele; porquanto, escolhendo-o para por ele conduzi-lo à felicidade eterna, Deus preparou ao homem graças particulares para guiá-lo e sustentá-lo nessa trilha. Estando então sempre na ordem da Providência sobre si, não pode o homem deixar de experimentar uma proteção especial – pelo menos, tem a maior esperança disto.

Se, pois, Deus quiser conduzir ao Céu uma alma pelas provações do tédio e das repugnâncias, deverá ela pedir a Deus que mude essa Providência a seu respeito? Pode pedi-lo, e Jesus Cristo o tem feito: semelhante pedido tem sido muitas vezes atendido. A demora de uma graça não é uma recusa: obtemo-la pela perseverança, no tempo que Deus destinou a nos fazer sentir a sua misericórdia. Mas deve essa alma fazer disso o objeto único das suas preces, de sorte que, se Deus não a atender, ela caia no abatimento? Nisto ela se afastaria muito do exemplo que Jesus Cristo lhe deu, e que os santos imitaram.

Seguiria as sugestões da tentação, que quer afastá-la de Deus e tirá-la da ordem da Providência sobre ela. O primeiro e o principal objeto das suas preces deve ser pedir a Deus a submissão à sua vontade, a graça de suportar com resignação, com fidelidade, com amor, o estado em que Ele a põe para santificá-la nele, visto que não é a ela que compete escolher o caminho que deve seguir. Na humilde persuasão de não merecer os favores singulares do Senhor; na humilde persuasão de que, tendo tido a desdita de ofendê-lo, ainda é um efeito adorável da sua misericórdia que, como dizia o *filho pródigo*, Ele a suporte não como um filho, mas como um dos seus servos mais vis, deve ela aceitar o seu estado em espírito de penitência, e abandonar-se nas mãos de Deus por todo o tempo que Ele quiser tirar desse estado a sua glória. É esse o melhor meio

que ela possa empregar para alcançar de Deus o fim dessa provação penosa.

Pensais que Deus não vos escuta porque vos deixa no estado de tédio ou tentação de que lhe pedis serdes livrado; mas, consoante os princípios da Religião, vos enganais. Se a vossa oração é feita com submissão, com confiança e perseverança, segundo as promessas de Jesus Cristo ela será certamente atendida. Na verdade, Deus não vos concederá o que lhe pedis, porque isso vos seria nocivo, devido ao mau uso que disso faríeis, ou seria menos útil do que os dons que Ele vos recusa por misericórdia; dar-vos-á graças mais preciosas, mais desejáveis, que vos farão praticar as virtudes perfeitas da Religião e vos farão adquirir méritos para o Céu, pela renúncia, pela mortificação, pela submissão, pelo espírito de penitência, graças que, sustentando-vos no combate, vos deixarão ver todo o vosso nada, vos convencerão da vossa fraqueza, vos manterão na humildade cristã, fundamento das verdadeiras virtudes, na vigilância sobre vós mesmo, e em relação contínua com Deus para solicitar o socorro d'Ele, cuja necessidade sempre melhor reconhecereis para vos sustentar.

Essa Providência, essa conduta do Senhor, é-nos bem assinalada em São Paulo. Esse grande Apóstolo pede a Deus várias vezes para livrá-lo de uma tentação humilhante que o atormenta. Deus permitia-a nesse grande Apóstolo, conforme este mesmo nos faz saber, com medo de que a grandeza das suas revelações o elevasse aos seus próprios olhos (2Co 12, 7). O Senhor recusa-lhe o livramento dessas tentações, mas tranquiliza-o sobre elas: *Minha graça te basta*.[22] Essa recusa que a alma perturbada, entediada, tentada, experimenta, não indica, pois, que Deus se afaste dela, que não a escute, que a tenha abandonado. Essa recusa prova unicamente que Deus tem outros desígnios que não aqueles que ela se propõe; que não quer livrá-la, mas que está sempre pronto a ajudá-la.

***

13. Deus não faz sozinho o bem em nós

Dirá uma dessas almas que se queixam de não ser atendidas: “eu ficaria satisfeita se sentisse os efeitos dessa Providência misericordiosa, mas não vejo que Deus me torne mais fiel aos meus deveres”. Para esclarecer esta dificuldade, consultemos os princípios da Religião, que devem dirigir os nossos juízos; andemos à luz da fé, que deve iluminar-nos, e vereis que, se não sois fiel aos vossos deveres, não é Deus quem falta a vós, sois vós que faltais a Deus.

Consoante a Religião, Deus não faz sozinho o bem em nós. Ele vos criou sem vós, mas não quis salvar-vos sem vós. Quis que, pela escolha livre da vossa vontade, o preferísseis a tudo. Pôs, portanto, diante de vós o bem e o mal, a vida e a morte, e disse-vos: tomai o que quiserdes. Para vos determinar ao bem, dá-vos mil luzes, que vos apresentam os motivos disto: o amor, a gratidão, a recompensa. Excita em vós mil sentimentos que vos fazem amar esse bem, que vos afeiçoa a ele. Assim vos previne Ele por suas graças: apresenta-vos o seu socorro para vos ajudar na ação. Eis aí o que Deus vos prometeu e o que faz. Para corresponder a isso, bem longe de vos desviardes desses motivos, desses sentimentos (coisa que ordinariamente fazeis para não vos constrangerdes), deveis ocupar-vos deles, compenetrar-vos deles, aprofundá-los, e, dócil à voz do Espírito Santo, fazer-vos violência para seguir as suas inspirações, visto que sem isso não se faz o bem nem se chega ao Céu.

Pergunto-vos: teríeis motivo de vos queixar de um amigo que vos tivesse dado os conselhos mais seguros para vos fazer evitar uma desgraça, se não houvésseis querido escutá-lo pelo fato de vos custar algum incômodo o segui-lo? E não se diria, com razão, que nesse caso a vossa perdição só vem de vós mesmo?

Eis aqui o que vemos todos os dias. Uma alma teme a pena que experimenta em combater as suas inclinações; pede a Deus ser

livrada dela; mas com a condição de que Deus faça tudo, e de que isso nada custe a ela. Pretende ela o milagre operado em São Paulo. Ouvimo-la dizer: “se essa inclinação desagrada a Deus, por que então Ele não a tira? Ele não é o Senhor? Por que não susta os sentimentos do meu coração? Ele transformou outros de chofre.”

Enquanto aguarda esse milagre, ela nada faz para seguir a voz de Deus e para se tornar melhor. Compreendeis que semelhante disposição não é própria para atrair sobre essa alma as misericórdias de Deus. Quem quer servir a Deus sem fazer violência a si mesmo contradiz a palavra de Jesus Cristo. Quem só quer servi-lo sob condição de um milagre, disparata, e não merece ser escutado.

Outras pessoas não incidem nessa ridícula presunção: o que as detém na prática das virtudes é que elas ficam tão fortemente perturbadas com as suas penas, tão fortemente persuadidas de que, nesse estado, nada podem fazer de bem, que só pensam nisto – toda a sua ocupação interior gira em torno disto. Absorta nessa pena, a sua alma não sabe pedir a Deus nenhuma outra coisa senão para ser livrada dela. Elas não ousam apegar-se às luzes e aos bons sentimentos que Deus lhes dá, porque, não achando neles essas graças que elas pretendem a todo custo, que elas pedem com obstinação, receiam ser iludidas. Tornam, assim, inúteis as graças que recebem, ou pela sua desatenção ou pela sua resistência. Se aproveitassem delas, embora elas não sejam o objeto das suas preces, em breve alcançariam o que desejam, e o que não podem lisonjear-se de obter enquanto resistirem a Deus.

Estudemos os desígnios da providência de Deus e a economia das suas graças, e veremos claramente a armadilha em que a tentação faz cair essas almas a quem o erro, junto à infidelidade, faz incidir no desânimo.

***

14. Os meios ordinários são suficientes

É sempre ou pela falta de instrução ou pela desatenção à instrução que havemos recebido, que incidimos na sem-razão mais inconcebível. Deus tem sobre os homens duas espécies de providência: uma, extraordinária e milagrosa, na qual Ele age pela sua onipotência; outra, comum e ordinária, na qual Ele age por meios cuja proporção com o fim que a sua sabedoria se propõe a razão nos faz conhecer. A primeira é rara, passageira – só a emprega Deus para desígnios particulares –, e o homem, a quem as razões dessa providência são desconhecidas, não poderia contar com elas sem tentar a Deus.

Sem dúvida, o Senhor pode fazer milagres, mas não os prometeu a ninguém. Para ser dirigido nas suas ações e socorrido nas suas necessidades, ninguém pode, pois, razoavelmente esperá-los. Se, a pretexto de que Deus é senhor de fazer milagres, e de que os faz, um homem não fizesse nada para se proporcionar o que é necessário à vida, olhá-lo-íamos como estando no delírio. Mas contar com um milagre constante na ordem da graça, para a vida da alma, será menos agir contra os princípios estabelecidos no Evangelho?

A segunda espécie de providência é comum, ordinária, constante para todos os homens. Se o Senhor seguiu a primeira a respeito de alguns, transformando-os de chofre, logo os fez reentrar na ordem comum, conduzindo-os do mesmo modo que ao resto dos homens. Assim, São Paulo (1Co 9, 27) orava com lágrimas, e reduzia seu corpo à servidão.

Essa providência comum e ordinária consiste em inspirar-nos na aquisição das virtudes, em fazer-nos conhecer os meios que a razão nos propõe para sermos bem-sucedidos naquilo que empreendemos, e em dirigir esses meios pela religião e para o fim essencial do homem, que é Deus e a felicidade de possuí-lo.

Queremos sair-nos bem em alguma arte, em alguma ciência? O desejo que disto concebemos leva-nos a estudar seus princípios com assiduidade, a ocupar-nos delas para gravá-las a fundo na mente, a fim de as termos sempre presentes quando se tratar da ocupação em que queremos aperfeiçoar-nos. Evitamos com cuidado agir contra esses princípios; e, se alguma falta nos escapa, ao invés de desanimarmos, redobramos de cuidado para repará-la o mais breve possível.

Vede todos os homens que querem ser bem-sucedidos no seu estado: o artista, o sábio, o magistrado; achá-los-eis todos, seguindo a mesma rota, a devorar o aborrecimento dos começos sempre tediosos e penosos, constrangerem-se constantemente, superarem as maiores dificuldades. Vede a conduta dos homens sensatos nos negócios do século: ocupam-se deles incessantemente; não poupam nem cuidado nem pena para serem bem-sucedidos. A razão dirige-lhes a todos a mesma linguagem, e o êxito justifica a sabedoria dos meios.

Eis aí a providência comum e ordinária de Deus sobre os homens que querem trabalhar para ser bem-sucedidos na prática das virtudes e no grande negócio da salvação. Os meios são os mesmos; a diferença vem só dos fins e dos motivos que eles se propõem. No mundo, só se procuram bens terrenos e perecíveis: os motivos são naturais. Na Religião, procuram-se bens celestes e eternos; os motivos são sobrenaturais: é Deus quem os inspira, e quem, pela sua graça, ajuda nos meios.

Deus quer, pois, que desejemos a sua glória na posse dos bens da eternidade; que nos ocupemos dela como do nosso bem essencial; que pratiquemos as obras que podem nos assegurá-la; que evitemos com cuidado tudo o que possa nos fazer perdê-la, ou colocar-nos em perigo de sermos dela privados. Numa palavra, Ele quer que, segundo as luzes da sã razão, elevada pelos motivos da Religião, não poupemos nem os nossos cuidados, nem as nossas penas, nem as proteções que temos no Céu, para sermos bem-sucedidos: trata-se da eternidade.

O Senhor escolheu essa ordem de providência, de preferência a qualquer outra que poderia ter empregado, porque Ele não é menos o autor da ordem natural do que da ordem sobrenatural. Quis,

desse modo, colocar o homem na necessidade de trabalhar pela sua felicidade, de não definhar numa ociosidade que o privasse de todo desejo, de todo sentimento por um bem que ele esperasse unicamente de Deus, sem para ele concorrer pelo menor esforço. Quis torná-lo indesculpável se não fizesse, para alcançar um bem eterno, o que faz todos os dias por bens perecedouros, por uma satisfação passageira, e se agisse contra as luzes da razão num negócio em que mais lhe importa segui-las.

É assim que, por essa providência cheia de sabedoria e de misericórdia, Deus, sem se mostrar sensivelmente, conduz a sua criatura pela sua graça, e fá-la andar por uma trilha de fé, de esperança e de amor. Porquanto essas vistas, essas reflexões, esses sentimentos que vos fazem conhecer o que Deus pede de vós, e que vos levam a cumpri-lo, talvez os julgueis naturalíssimos e, no entanto, é Deus quem vo-los inspira; é Ele quem vos sugere os motivos pelos quais deveis elevá-los, e quem vos mostra o fim para o qual deveis dirigi-los para torná-los úteis à vossa salvação. Subtrair-se a essa providência, não fazer nenhum acolhimento a essas luzes, ou resistir-lhes, por não ser isso o que se pede a Deus, ou por alguma outra razão, é querer chegar à celeste mansão por outro caminho que não aquele que Deus marcou.

Que deve, pois, fazer uma alma que Deus prova por tédios? Baseada neste princípio de prudência, de que não devemos perder por culpa nossa um bem que se apresenta, que leva à felicidade, e isto pelo fato de não obtermos aquele bem que desejamos, essa alma, até que Deus lhe dê mais atrativos, sempre submissa à sua vontade santa deve apegar-se com docilidade às graças que recebe, seguir com gratidão essas luzes que a iluminam. Então achará sempre com que se sustentar e praticar o bem, pelos socorros ligados à providência comum e ordinária do Senhor.

O que justifica este princípio de prudência e o consagra na Religião, é que, para seguir essa ordem de providência de que nunca se deve sair, não basta evitarmos certas faltas grosseiras, se descurarmos o bem que Deus pede que pratiquemos pelas graças que Ele nos concede, e se não dermos a isso os nossos cuidados. As *virgens loucas* (Mt 25) foram excluídas pela negligência que puseram em manter-se prontas para a chegada do Esposo. O *servo*

preguiçoso foi condenado por não ter feito valer o talento que seu Senhor lhe confiara. Esse talento é o tempo que Deus dá a uma alma; é a graça que ela recebe tantas vezes, e que tantas vezes ela torna tão inútil como o tempo que lhe fora dado para fazer bom uso dele. Esses exemplos de punição exemplar devem fazer tornar a entrar em si mesma essa alma tíbia e frouxa, e reconduzi-la à providência que Deus estabeleceu, aproveitando os socorros que ela recebe e que Deus escolheu para santificá-la.

Não olheis esta instrução como um sistema humano: Jesus Cristo consagrou-a no Evangelho, recomendando a vigilância e a oração; a renúncia à vontade própria desde que esta é contrária à vontade de Deus; a atenção a evitar o mal e a fugir do perigo. Por isto os Padres, os Santos, esclarecidos pelo espirito de Deus, e que deram regras para conduzir as almas à santidade, não prescreveram nada de extraordinário. Ativeram-se a esses meios comuns: a oração frequente, as leituras santas, os exames de consciência reiterados, para se dar conta do seu proceder e corrigir o que nele houve de defeituoso; o silêncio, para se manter unido a Deus e evitar a dissipação, essa dissipação que é tão funesta sobretudo a uma alma que, perdendo de vista a Deus, nada mais faz por Ele, e já não tem outra regra e outra guia senão os seus desejos e as suas inclinações.

Quanto mais examinardes esses meios, tanto mais conformes os achareis não somente ao Evangelho, como também à razão. Em qualquer estado de tédio, de pena, de repugnância, de tentação que nos achemos, podemos sempre empregar esses meios; e Deus os fortalecerá pela sua graça, se recorrermos a Ele com confiança.

***

15. Não existem tentações invencíveis

Uma astúcia de que o demônio se serve para lançar uma pessoa no desânimo e para retê-la nele, é persuadir-lhe que certas inclinações, certos hábitos são tão fortes nela, que não depende dela resistir-lhes. Se alguém lhe propuser meios para se corrigir, ela experimentará tanta repugnância a isso, que vos dirá ser inútil aplicar-se a isso, porque isso não depende dela; que ela não pode tomar isso a seu cargo. Nesta disposição, se Deus lhe dá algumas luzes, alguns bons sentimentos, ela os torna inúteis, ou pela sua desatenção, ou pela sua resistência.

Eis aí o pretexto. A verdade, porém, é que ela não quer fazer violência a si mesma para se corrigir. Nunca o pede a Deus com verdadeiro desejo de obtê-lo. Nunca emprega, remontando à causa, os verdadeiros meios que a razão, de acordo com a Religião, lhe faz conhecer para se reformar. Acredita acalmar a sua consciência persuadindo-se de que a coisa não depende dela; segue assim a sua inclinação numa segurança bem prejudicial à sua alma. Às vezes, espantada com o seu procedimento, tomará essa pessoa algumas resoluções para voltar a Deus; mas, por isso que não vai até à fonte do mal, e por querer sempre viver sem incômodo, ela logo se cansa do penoso combate que tem de sustentar contra uma inclinação que a solicita incessantemente, e, na primeira queda, volta à sua ideia de que a coisa não está em seu poder; o desânimo volta a dominar, e ela abandona até o desejo de combater, de se corrigir.

Esta tentação é perigosíssima: leva ao esquecimento de Deus e da própria salvação. Na disposição de não se constranger, a alma entrega-se à dissipação do espírito e do coração, para não ser presa dos remorsos, para apagar as luzes que Deus lhe dá por misericórdia, e que perturbam a falsa paz que ela ama.

O grande mal desse estado é que a alma infiel não ousa pedir mais nada a Deus para a sua mudança, como se Deus não fosse

sempre para ela o Deus de misericórdia e de bondade, que quer a salvação dela muito mais do que a quer ela mesma; como se Ele não fosse sempre o Deus forte e onipotente, que pode sempre ampará-la e defendê-la; o Deus fiel às suas promessas, que assegurou o seu socorro à nossa confiança. Pelo esquecimento destas verdades, essa alma afasta-se da oração. Se for obrigada a achar-se nesta pela disposição do seu coração, a ela vai na persuasão de que se desobrigará mal dela, o que a impede de para ela se preparar pelo recolhimento e pela confiança. Assim, por culpa sua, torna inútil a oração.

É de admirar que uma pessoa instruída da sua religião caia em semelhante armadilha. Essa religião santa ensina-nos que Deus nunca pode ordenar-nos coisas que se nos tornem impossíveis, nem nos punir, como por um pecado mortal, por aquilo que não depende de nós. Deus ordena, é verdade, coisas perfeitas, acima das forças da natureza; porém coisas que tantos outros praticaram antes de nós, que tantos outros praticam ainda, pelo socorro da graça. Ele promete ajudar-nos, como ajudou os outros, se, como eles, o invocarmos com confiança; se, como eles, adotarmos os meios aos quais eles ligaram o êxito e a vitória. Diz Santo Agostinho: *Por que não haveríeis de fazer o que tantos outros puderam? Por que não haveríeis de fazer o que tantos outros fizeram, o que ainda fazem tantos outros que não têm hoje outros socorros a não ser os que Deus vos apresenta? — Fazei o que puderdes,* – diz noutro lugar esse santo Doutor, – *e pedi aquilo que não puderdes, a fim de o poderdes.*

É, pois, contra os princípios da Religião pensar que não depende de vós o vencer-vos com o socorro da graça que vos foi prometida, se a pedirdes com confiança, e pelo emprego dos meios que a Providência vos fez conhecer.

Dizeis que empregais esses meios; mas o que vos desconcerta é parecer-vos que, apesar dos vossos cuidados, não estais mais adiantado. Após vários dias de aplicação, de esforços e de combates, sentis a mesma inclinação quase com a mesma força. Deve isso surpreender-vos? Será que nos desfazemos em alguns dias de uma inclinação natural ou de um hábito que por nossa negligência deixamos fortificar-se? Aliás, não deveis julgar do

progresso que a graça vos leva a fazerdes pela perseverança ou pela diminuição da inclinação de que quereis corrigir-vos, mas sim pelo império que adquiris sobre ela, para evitar as faltas em que ela vos faz cair. Embora persevere, essa inclinação não é um pecado. É o exercício da virtude: quando se lhe resiste, merece-se o Céu.

Mas ninguém ignora que quanto mais forte é a inclinação, quanto mais antigo o hábito, tanto mais atenção e vigilância se deve também ter sobre si mesmo para combatê-lo, e que nenhum meio se deve desprezar para isso. Por que razão aquilo que dependia de vós ontem não mais depende hoje? A razão não é difícil de achar. É que ontem, ocupado de Deus, animado pelo desejo de lhe agradar, fazíeis violência para vos comportardes segundo o espírito de Deus, empregando os meios que a sua Providência estabeleceu, e aos quais Ele liga as suas graças. Hoje, cansado de combater, vos esqueceis de Deus, saís da ordem da Providência, para seguirdes a vossa preguiça. É a vossa negligência que vos põe na alma essas diferentes disposições. Voltai ao primeiro estado, e vos sustentareis na prática das virtudes.

Enfim, ainda quando levaste algumas quedas, deveríeis por isso desanimar e tudo abandonar? Seria querer perder todo o seu bem porque se perdeu uma pequena parte, coisa que toda gente trataria de loucura, no uso dos bens temporais. Essas quedas fazem-vos conhecer a vossa fraqueza. Se pensardes sensata e cristãmente, devem elas empenhar-vos em reparar o mais depressa possível o dano que delas recebestes, em premunir-vos contra o dano que ainda poderíeis receber, para isso redobrando de confiança, de orações, de vigilância, de atenção a evitar as ocasiões. É contra os princípios da própria razão vos determinardes a cometer cem pecados, abandonando os meios que podem fazer evitá-los, pela razão de haverdes cometido um, que, reparado por um sincero pesar, já não pode opor óbice à vossa santificação.

O que impede de saborearmos esta instrução, embora não nos possamos disfarçar que ela é fundada em princípios que não podemos desconhecer, é que muitas vezes concebemos um despeito secreto da nossa fraqueza, despeito que nos lança numa tristeza de amor-próprio; não podemos sofrer a visão dessa fraqueza humilhante. Só a dissipação pode afastar dos objetos desagradáveis

que queremos ocultar a nós mesmos, então nos entregamos a ela inteiramente. O despeito, após uma queda, é uma tentação perigosa; deveis sempre resistir-lhe, e corrigi-lo pela humilde confissão que a Deus fazeis da vossa falta.

A tristeza pode ser um bom movimento, e pelos seus efeitos a conhecereis. A que vem de Deus é sempre humilde, doce e tranquila; ocupa-se dos meios de reparar a falta cometida, e de voltar o mais cedo possível a Deus. Se tem efeitos opostos a estes; se é acompanhada de perturbação, de inquietação, de afastamento de Deus e dos exercícios da piedade, certamente vem da tentação, do desânimo; não a escuteis. Reconduzi a Deus com confiança a vossa mente e o vosso coração. A ordem e a paz logo se restabelecerão na vossa alma. Deus não habita na perturbação. Aí nunca o achamos.

***

16. Quando desanimamos por culpa própria

Parece que esse espírito de desânimo, quando se apodera de uma alma, lhe tira toda luz, toda reflexão. Essa tentação aplica-se, sobretudo, a lhe tirar todo espírito de oração, e, por esse modo, expõe-na visivelmente a perder-se. Bem certo é que só podemos operar a nossa salvação pelo socorro da graça. Esse socorro, só o obtemos pela oração frequente, constante, perseverante. Nada é mais recomendado nos livros santos do que este meio, que comumente é a fonte de todos os outros que Deus nos inspira empregarmos.

Há pessoas que, pela negligência a que se acostumaram, encaram esse santo exercício como inútil para elas, pelo fato de a ele se apresentarem na persuasão de que dele se desobrigarão mal, como o têm feito até esse dia. É o primeiro pensamento que se lhes oferece à mente – e bem longe de o combaterem por sentimentos cristãos, aderem-lhe unicamente.

Nesta persuasão, elas vão à oração sem confiança; sem vontade de tributar a Deus as adorações, as homenagens que lhe devem; sem visão mesmo de Deus, sem preparação interior, sem se fazerem a menor violência para se recolherem e para saírem dessa dissipação de espírito e de coração que as absorve, que lhes faz esquecer inteiramente a Deus e a sua salvação.

É certo que uma oração que carece das qualidades essenciais que Deus exige para que seja atendida, não pode ser de merecimento algum diante de Deus, e a confiança é a primeira dessas qualidades. Aquele que hesita orando, diz São Tiago, não alcançará nada (Tg 1, 6); com maioria de razão nada alcançará aquele que nada espera. Neste estado, não se fazendo nenhuma violência, unicamente ocupadas com inutilidades, não raro numa inação que lhes não permite refletir sobre aquilo que as ocupa, essas pessoas não sabem sequer se estão na oração. E, se este exercido

é de obrigação estrita, como o ofício, a Missa, elas faltam a um dever essencial sem se censurarem por isto, coisa que muitas vezes as lança em embaraços de consciência, relativamente aos sacramentos que recebem sem se disporem para fazer melhor.

Direi a essas pessoas: pela vossa experiência, estais persuadidas de que fareis mal as vossas orações, apesar das vossas resoluções. Mas de onde vos vem essa experiência? Remontemos à fonte dessa negligência que resiste a todas as vossas resoluções – resoluções que muitas vezes estão muito mais na imaginação do que na vontade –, e aí achareis a hesitação, ao passo que as orações feitas com a plena confiança em Deus vos sustentarão e vos garantirão contra as paixões que vos puseram nesse estado. Pela oração combatê-las-eis, e não mais vos abandonareis ao impulso delas.

Pensastes que poderíeis passar o dia inteiro ocupado em alguma satisfação natural e em divertimentos frívolos; ocupado em ver, em saber de tudo o que se faz, de tudo o que se diz; em não perder nenhuma ocasião de ter conversas inúteis; em escutar tudo o que os outros querem referir-vos a respeito do próximo; em entrar em todos os vossos desaguisados, em censurar uns, em condenar outros baseado em relatos infiéis; em satisfazer, em todas as ocasiões, sentimentos de inveja, de antipatia; enfim, sempre fora de vós mesmo, em não terdes atenção senão sobre o proceder e os pequenos interesses dos outros, e nunca sobre vós e sobre os vossos interesses eternos, sobre a vossa salvação, estendendo essa dissipação até o momento em que ides à oração, à qual ides o mais tarde possível, sem refletirdes um só momento no que ides fazer; e pensastes que, sem embargo, o recolhimento, a atenção, a devoção se apoderarão de chofre de vossa alma, expulsarão dela as distrações, aplacarão o tumulto das paixões, e farão renascer subitamente os sentimentos da Fé, da Piedade, do Amor? Pudestes, de boa fé, esperar isto?

Não vos ocupastes um só momento de Deus durante o dia; não testemunhastes a Deus nenhum dos sentimentos que lhe deveis; resististes às luzes que Ele vos deu; descurastes as suas graças, vos distraístes delas, com medo de serdes obrigado a entrar em vós mesmo para vos dardes conta da vossa conduta e dos

vossos motivos em relação a Deus. Lisonjeastes-vos de que, nessas disposições e com essas infidelidades, as vossas resoluções vos poriam, num momento, no exercício da confiança em Deus, do seu divino amor, do recolhimento necessário para vos desobrigardes santamente das vossas orações? E de que a vossa imaginação, a vossa mente, docilizadas de repente, depois de não vos haverdes constrangido sobre coisa alguma, se deterão, se fixarão, por mais volúveis que sejam, para não mais se ocuparem senão de Deus? De que elas esquecerão essa espécie de encantamento que as seduziu, para se nutrirem de pensamentos salutares, mas tristes para uma alma que tão constantemente os tem negligenciado?

Seria cair numa ilusão lastimável, que a razão facilmente faz perceber, mas que a Religião condena bem altamente; porque isso seria contra a sabedoria da Providência, que quer conduzir-nos ao Céu pelos meios que têm alguma proporção com o fim: pelo desejo da salvação, pelas reflexões sobre os caminhos próprios para ser bem-sucedido, pela vigilância sobre nós mesmos, para evitar o que poderia nos fazer perdê-la, pela prática das virtudes que podem assegurá-la. Isso seria contra todas as lições que Jesus Cristo nos dá no Evangelho: lições de recolhimento, de renúncia, de mortificação, de aplicação à oração. Julgai, por aí, das consequências e do êxito que pode ter a vossa conduta, e do excesso da ilusão que vos transvia.

Não podeis, pois, sair desse estado senão levando a mais longe as vossas resoluções, e desiludindo-vos do erro que vos seduziu. Quando refletimos sobre nós mesmos, quando vemos que as medidas que tomamos para nos corrigirmos não produzem nenhum efeito, ou só produzem efeitos momentâneos, devemos por isso desanimar, encasquetar na mente a ideia de que nunca seremos bem-sucedidos? Isto seria raciocinar sem princípios, e não ter ideia do que Deus pode fazer em favor de uma alma que espera n'Ele e que sinceramente lhe quer ser fiel.

Naturalmente, deve-se pensar então que essas medidas, essas resoluções não são as que podem operar uma mudança, e que é preciso recorrer a outras mais eficazes. Já que, pelos efeitos, julgamos não ser bem-sucedidos, devemos investigar a fonte do mal. A razão nos diz que, enquanto a causa subsistir, os efeitos que por

um momento nós detivemos não tardarão a voltar, e quiçá com mais força, por haverem sido combatidos e constrangidos. A Religião nos ensina que deixar subsistir a causa do mal, quando está em nosso poder fazê-la cessar, é ficar voluntariamente no perigo, e expor-nos a sucumbir.

No caso dessa alma de que falo, a causa das dificuldades que ela acha na oração é, comumente, a dissipação, o esquecimento de Deus e da sua salvação, no correr do dia. Vive-se ao léu; age-se sem saber por que, sem se propor nos seus projetos motivo algum de religião, sem dar às próprias ações nenhuma relação com Deus; os projetos são inteiramente humanos, naturais, não raro pueris; só se procura proporcionar a si mesmo miseráveis satisfações: as ações correspondem à baixeza dessas vistas.

Consoante a Religião, os projetos só devem tender à prática da renúncia a si mesmo, da mortificação do espírito, do coração, dos sentidos, à indiferença por todos esses pequenos interesses que se perseguem com tanto ardor. As ações devem ser feitas por um motivo que se refira a Deus, ou, pelo menos, que a Ele possa referir-se. Não estamos na terra senão para a glória de Deus – tudo o que fizermos deve tender a isso. Se Deus não é o princípio e o fim das nossas ações, se a pureza de intenção não as acompanha, elas se tornam inúteis para a nossa felicidade.

Quereis, pois, sinceramente sair do estado de infidelidade, de inutilidade em que vos achais? Quereis desobrigar-vos da oração mais fácil, mais santa, mais utilmente? Nutrido habitualmente dos objetos, das verdades da fé, fazei versar as vossas resoluções sobre as máximas que vos apresento. O esquecimento destas verdades é a fonte do mal: a aplicação a essas verdades remediá-lo-ás. Aplicada então à vossa salvação, que encarareis como o vosso primeiro negócio, sereis atento às luzes, aos bons sentimentos que Deus vos der. Conhecendo a importância dessas graças, não mais as desprezareis; não mais vos distraireis delas para vos entregardes à dissipação; agradecê-las-eis a Deus; apegar-vos-eis a Ele, para segui-lo com fidelidade.

Estas ocupações cristãs, substituídas aos extravios da vossa mente, impedir-vos-ão de entregar-vos a preocupações inúteis antes da oração, e, nas ocupações necessárias, vos ajudarão a recolher-

vos antes de vos apresentardes diante de Deus. Reentrareis na ordem da Providência, pela vossa aplicação a empregar os meios que Deus estabeleceu, e achareis aí mais graças. Mais ocupado de vós, em relação a Deus e à vossa salvação, trilhareis com constância a trilha que faz praticar o bem com o socorro da graça, e que leva à felicidade eterna, de onde vos afasta a conduta que até agora mantivestes.

Uma vez reconhecida esta máxima, de que, para impedir eficazmente as faltas, é preciso atacar-lhes o princípio, devemo-nos aplicar a isso em todas as ocasiões. Além da dissipação, que faz faltar a quase todos os deveres, ou que os faz cumprir tão imperfeitamente, há paixões cujos efeitos não são tão extensos, mas que fazem cair em faltas que, pela sua frequência, desanimam a alma fiel. Essas paixões têm todas por princípio um amor-próprio que não sabe dobrar-se a nada, e que rebaixa sempre o mérito de outrem e lhe salienta, a todo propósito, os menores defeitos. É um apego à própria vontade, ao próprio juízo, ao qual se quereria reduzir toda gente; é uma vivacidade de caráter que não se sabe dobrar a nada, e que quer se meter em tudo; é uma arrogância natural, uma vã estima de si mesmo, que nada quer sofrer e que rebaixa toda gente abaixo de si. Que sei mais? E quem é que pode fazer a enumeração de todas as paixões do coração humano?

O que sabemos bem seguramente é que, seja qual for a paixão cujo ascendente nos lança no desânimo, devemos aplicar-nos a destruí-la, ou pelo menos a combatê-la sem cessar. O desejo da salvação, ao qual essa paixão opõe obstáculo, a oração frequente, as reflexões santas, fundadas nas máximas do Evangelho, os exemplos de Jesus Cristo e dos santos, são os meios que a Providência nos deu para sufocarmos essas paixões, ou para enfraquecê-las a ponto de nada termos a recear delas.

Esses meios, quando os empregarmos em nome do Senhor, terão o seu efeito, consoante às promessas d'Ele. Destarte, nada será impossível, nada será inútil. Pelo amor que concebermos ao nosso Deus, tudo reverterá em nosso bem eterno. Eis aí o caminho que vos está aberto: eis aí os meios que estão em vossas mãos. Se não fordes bem-sucedido, será por culpa vossa, será pela vossa

resistência às graças de Deus. Não mais vos queixeis, pois, do Senhor: só a vós mesmo culpai.

***

17. Quando a fraqueza humana envenena as boas ações

Reconhece-se a necessidade de agir em mira a Deus, para tornar as próprias ações agradáveis a Deus e dignas das suas recompensas. O que detém uma alma nesse exercício salutar é que, quando ela assim quer dirigir a sua intenção, o demônio, ou a sua imaginação, sugere-lhe mil motivos humanos de razão natural, de amor-próprio, de respeito humano, de inclinação. Então ela se persuade de que, apesar do oferecimento que fez dessas ações a Deus, não é por Ele que ela age, mas sim para se satisfazer a si mesma. Sente vivamente a impressão que no seu espírito fazem os motivos naturais, e sente que é muito mais fraca a impressão dos motivos sobrenaturais.

Julgando, por essa impressão mais sensível, da intenção que a faz agir, ela decide que a sua ação não é feita para Deus, que é inútil lhe oferecê-la. Abandona-se, pois, aos motivos naturais. Desanimada por essa tentação que se apresenta amiúde, ela não pensa mais em oferecer o que quer que seja a Deus, e assim torna-se o joguete e a vítima do pai da mentira, ou dos seus próprios erros.

Para se curar sobre este ponto, deve-se notar que os motivos naturais causam essa viva impressão não pela sua solidez, mas porque, sendo proporcionados à nossa natureza e conformes às nossas inclinações, não precisamos de nenhum socorro estranho para lhes conhecer e lhes degustar tudo o que neles podemos achar de satisfatório; e porque nada em nós se opõe à impressão que eles causam.

Ao contrário, os motivos sobrenaturais não causam essa impressão tão viva, porque, estando numa ordem superior à natureza, e sendo contrários às nossas inclinações naturais, precisamos do socorro de Deus para resistir a essas inclinações que

se opõem à nossa docilidade, para degustar essas miras sobrenaturais, e para apreciar as vantagens que nelas acharemos.

Esse socorro, que Deus não nos recusa quando o pedimos, às vezes tem essa vivacidade de impressão; mas nem sempre a tem. Deus, senhor dos dons, concede-os às suas criaturas segundo o desígnio da sua Providência sempre sábia e misericordiosa. Esse socorro põe sempre uma alma em estado de resistir à tentação que procura afastá-la de Deus; e, se a sensibilidade da impressão é satisfatória, nunca é necessária, nem é mesmo sempre útil. Mesmo no mundo e nos negócios temporais, considera-se como um mau guia uma impressão viva de imaginação e de sentimentos que são seguidos contra motivos mais sólidos, motivos que, entretanto, não causam no momento a mesma impressão.

Para formar, pois, o seu juízo entre motivos opostos que podem fazer agir, não se deve consultar o mais ou menos de vivacidade que os acompanha. Cumpre tomar os motivos em si mesmos, comparar-lhes os inconvenientes e as vantagens, e fundar nisso o seu juízo, para se determinar a seguir aqueles em que for achado o verdadeiro, o sólido bem. Por esse juízo, renunciamos aos motivos maus, desaprovamo-los; não nos detemos nos motivos naturais, não lhes damos nenhuma atenção: pela vontade independente das impressões sensíveis, só nos apegamos aos motivos sobrenaturais que, por um julgamento refletido, havemos reconhecido serem os únicos bons, os únicos úteis para a nossa verdadeira felicidade.

Mas, dirá alguém, parece-me que, em muitas ocasiões, ainda mesmo quando eu não tivesse em mira Deus, eu não deixaria de agir como ajo. É a minha razão ou a minha inclinação que me leva a este procedimento; e, por amizade a uma tal pessoa, eu faço o que não faria por todo o mundo. Não é então de recear que esses motivos naturais é que sejam os verdadeiros motivos que me fazem agir?

Concebo que, nessa situação, se se conceder muito à própria imaginação, ficar-se-á na aflição sobre o motivo superior que se deve admitir para elevar a sua ação. Mas, se, por uma visão refletida, se der lugar ao juízo que reconheceu a superioridade do motivo sobrenatural, e à referência da ação a Deus, já não haverá

dificuldade sobre a parte que essa relação terá nessa ação. Esse juízo, adotado pela vontade, dá-la-á toda a Deus.

Porque, afinal, Deus é o autor da razão – por si mesmo, esse motivo não pode pôr nenhum defeito na ação. Ele não é oposto ao motivo sobrenatural de fazer a vontade de Deus; é-lhe conforme; e pode-se então pensar que seja necessário renunciar a essa razão que Deus nos deu, para agir em mira a agradar a Deus? Tanto melhor quanto, essa razão, muitas vezes é Deus quem a desperta; é um meio de que Ele se serve para vos fazer praticar o bem.

Não se trata, pois, senão de elevar essa razão por essa referência a Deus, seu autor; e de tirá-la da ordem natural, para, com o socorro da graça, colocá-la na ordem sobrenatural, dirigindo-a para o Céu.

Os motivos naturais que não encerram nada que seja oposto à virtude não impedem que se possa e se deva oferecer a Deus as ações que deles dependem. Assim, quando, levantando-vos de manhã bem cedo, ides em jejum tomar a vossa refeição; quando, depois de passardes toda a manhã na oração e no recolhimento, ides alegrar-vos no recreio; ou quando, após a fadiga de uma jornada, ides tomar a vossa refeição, não tendes muitos motivos naturais que vos levam a essas ações? E esses motivos fundados na natureza vos impedem de oferecer essas ações a Deus, de elevá-las e de santificá-las por essa relação a Deus que vós lhes dais?

São Paulo não ignorava os motivos naturais que nos levam a tomar alimento (1Co 31, 10); entretanto ele nos exorta a fazer essa ação para a glória de Deus: não julgou que esses motivos naturais fossem incompatíveis com os motivos sobrenaturais. Aqueles não põem nestes nenhuma imperfeição, porquanto, por si mesmos, não são opostos a nenhuma virtude. No mesmo caso está aquilo que fazemos por amizade a alguém. Muitas vezes, nós fazemos coisas pelo próximo que Deus não manda, mas que também não proíbe. Mas, se agimos, Ele quer que a ação seja referida à sua glória, como ao fim que nos devemos propor em todas as nossas ações.

Os pretextos para desanimar multiplicam-se e sucedem-se. Sinto, diz alguém, que, se esses motivos naturais não me animassem, eu não faria o que faço e o que, no entanto, compreendo que Deus pede de mim.

Por que vos ocupardes com uma ideia que é uma verdadeira tentação? Por que a julgardes justa e bem fundada? Trata-se agora daquilo que faríeis se esses motivos naturais não se apresentassem? É sempre perigoso supormo-nos em circunstâncias em que Deus não nos coloca, como já vos fiz notar alhures. Deveis, pois, deixar cair essa ideia, que é um ardil da tentação para vos desanimar, e para vos impedir de fazer o bem presente, fazendo-vos temer um mal incerto e futuro.

Hoje se trata unicamente de vos desobrigardes bem da ação que fazeis, seguindo as regras que a Religião prescreve. Aplicai-vos a isso pelo juízo refletido sobre a bondade dos motivos presentes, na firme confiança de que, noutras circunstâncias em que Deus possa colocar-vos, Ele vos ajudará por meio de graças proporcionadas às provações, consoante a sua misericórdia e as suas promessas. Essas razões, vós mesmo as daríeis a uma pessoa que, de caráter manso e pacífico, servisse a Deus com facilidade, e que entrasse na desconfiança e na aflição por não sentir a coragem de servir a Deus do mesmo modo se o seu caráter se tornasse vivo e fervente.

Entre os motivos que podem fazer-nos agir ao praticarmos obras boas em si mesmas, há uns maus, opostos às virtudes cristãs: esses tornam as ações más, e mister se faz renunciar-lhes. Quanto ao respeito humano em particular, tenho visto muitas vezes almas na aflição, quando agem para não dar má edificação: receiam então agir por força do respeito humano: é iludir-se grosseiramente sobre o valor dos termos, e confundir ideias bem diferentes.

O motivo do bom exemplo está bem distante do respeito humano. O primeiro tem em vista a honra e a glória de Deus, que essa alma se propõe promover, evitando dar aos outros, pelo seu exemplo, ocasião de faltarem a Deus: este motivo refere-se, pois, a Deus; é bom, é louvável. Os maus exemplos são proibidos: dão aquele escândalo tão claramente reprovado pelo Evangelho. Condenando um, Jesus Cristo ordena-nos o outro: Ele quer que os homens vejam o bem que não podemos fazer em segredo, para que com isso glorifiquem o Pai celeste, e se animem a praticar o bem (Mt 5, 16).

O respeito humano, pelo contrário, não dá nenhuma atenção ao Criador. A criatura só a si procura naquilo que faz por esse

motivo. Não quer agradar senão aos homens, cuja estima ambiciona, ou cuja censura teme. O respeito humano faz fazer o bem como o mal, segundo o gosto das pessoas a quem se quer agradar; e isso, não raras vezes, contra o próprio gosto e contra as próprias luzes.

São, pois, essencialmente diferentes esses dois motivos, e não é difícil distingui-los. Seria mesmo para desejar que o primeiro agisse com mais viveza: não se veriam então nas casas religiosas tantas irregularidades públicas e impunes, que tendem a abolir a regra em muitos pontos.

O que vos faz recear não agirdes senão por esses motivos humanos é que, quando eles não vos secundam, não agis como o fazeis quando eles vos sustentam. Para julgardes se há aí alguma razão de temer, examine a disposição da vossa alma nessas circunstâncias. A vossa fidelidade depende sempre desses motivos? Se assim fosse, haveria alguma razão para temer. Depende de outra causa? Então a razão de temer cessa.

Quando, mais unidos a Deus por sentimentos de piedade, o vosso espírito e o vosso coração estão num estado menos agitado pelas paixões, ou quando a visão de Deus vos fere mais vivamente, para não seguirdes as vossas inclinações ou para praticardes algum ato de virtude que não é de obrigação tão estreita, obedeceis a Deus sem o socorro desses motivos humanos; ou, se eles se apresentam, e se são de natureza a serem rejeitados, vós os desaprovais; e, se eles não devem ser desaprovados, vós os elevais pela relação a Deus: nem sempre esses motivos humanos são, pois, o móbil da vossa conduta.

Verdade é que, quando viverdes na dissipação e no esquecimento de Deus, tereis razão de crer que só os sentimentos da natureza, ou mesmo da paixão, é que animam as vossas ações e as vossas iniciativas. Mas notai bem que isso não justifica o vosso receio, porquanto isso só vem desse estado de dissipação em que viveis, e que vos faz perder de vista tanto o vosso Deus, a quem vos deveis, como a vossa salvação, para a qual deveis trabalhar, e como as graças que recebeis e que não aproveitais. Enganamo-nos se julgamos que o que nos guia em certa situação da alma nos guia também em todas as situações em que nossa alma pode achar-se.

Na dissipação e no recolhimento a alma não tem a mesma maneira de pensar. Vão é, pois, o vosso receio, e não deveis escutá-lo.

Aliás, se esses motivos que vêm da razão e das virtudes naturais de amizade, de gratidão, de compaixão, etc., precedem na vossa mente e no vosso coração a visão distinta de Deus, por que haveríeis de ficar alarmado com isso? Já vos fiz notar alhures que os objetos sensíveis excitam naturalmente os sentimentos que lhes são proporcionados: que essas virtudes naturais Deus as gravou nos nossos corações – elas não são, pois, opostas às virtudes que a Religião nos inspira ou nos ordena.

Servem, antes, para introduzi-las em nossa alma. Colocam-nos num estado em que, achando no nosso coração, em vez de oposição, um pendor que nos leva à prática das virtudes, praticamo-las mais prazerosa e mais facilmente. Não somos, pois, obrigados a afastá-las, a renunciar-lhes; devemos somente dar-lhes a perfeição que lhes falta, encarando-as em relação ao Céu, consoante os princípios da Religião. Ora, nesse estado, será tão difícil assim dirigir a própria intenção à glória e ao beneplácito de Deus, e ao cumprimento da sua vontade santa? Pelo contrário, tudo no-lo facilita.

O que deve consolar-vos e tornar-vos fiel a essa prática, é deverdes saber que a graça é uma luz que Deus nos dá para conhecermos o bem sobrenatural, um sentimento que Ele nos inspira para praticar esse bem. Ela age em nós sem se fazer notar, e não nos dá nenhum sinal certo da sua presença. Como a esperamos, presumimo-la quando a havemos pedido; devemos, pois, agir como se estivéssemos certos dela, embora não o estejamos, já que ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio.

Dessa condição de Deus sucede podermos facilmente tomar por um efeito da nossa razão aquilo que é efeito da graça, graça que nos ilumina, que nos dá sentimentos que a razão aprova, que nos inspira reflexões que nos levam à prática do bem. De sorte que aquilo que acreditamos puramente natural e fruto da sagacidade do nosso espírito, ou da bondade natural do nosso coração, é realmente efeito do socorro sobrenatural que o Senhor nos deu.

Portanto, se então, para obedecerdes à Lei, que vos obriga a referir tudo a Deus, vós Lhe ofereceis as vossas ações, a estas não

faltará nada para obter a recompensa que lhes foi prometida. Elas serão feitas para Deus, pelo concurso da graça. Deus ser-lhes-á assim o princípio, como o fim e a recompensa. Não podeis, pois, enganar-vos oferecendo-as a Deus, visto que obedeceis a uma lei que Ele vos faz conhecer, e perdeis as vossas ações não as oferecendo, porque então já não é por Deus que agis. Esse oferecimento vós o fazeis em consequência da visão que Deus vos dá d'Ele e que vós seguis: não deveis, pois, recear mentir a Deus, fazendo aquilo que Ele vos inspira.

***

18. Quando a busca pela perfeição atrapalha

Dizeis que não ousais oferecer as vossas ações a Deus, e as perdeis quase todas, porque a ideia que tendes da grandeza de Deus, da sua santidade infinita, vos representa vivamente toda a perfeição que uma ação deve ter para ser digna d'Ele. Ainda não sentis em vós essa determinação de tender à perfeição que encarais. A tentação persuade-vos de que, se não derdes às vossas ações essa perfeição que julgais indispensável, elas não podem agradar a Deus; e de que Ele as rejeita absolutamente. Guiado por este erro, nada ou quase nada ofereceis ao Senhor. Perdendo de vista a Deus, já não seguis senão as vossas inclinações; e é por isso que não vos sentis disposto a vos constranger em tudo, e não vos constrangeis em nada.

Semelhante princípio só pode conduzir à inação para as coisas do Céu. Que cristão se aplicará aos seus deveres para agradar a Deus, para glorificar a Deus, se meter na cabeça que Deus não aceitará as suas ações se ele não lhes der toda a perfeição que ele acredita haver nas dos santos?

É aqui que deveis aplicar o conselho de Santo Agostinho: "Fazei o que puderdes, e pedi o que não puderdes, a fim de o poderdes". Esse grande Santo pensava bem diferentemente de vós, quando assim falava ao seu povo. Ele sabia que o nosso Deus, sempre um Pai terno e compassivo, que conhece bem o limo de que somos formados, vem sempre em nosso socorro para nos fortificar, e nos ajuda segundo a nossa confiança n'Ele.

Não se chega de chofre à perfeição. Faz-se progresso na ciência da salvação, com o socorro da graça, consoante a Providência ordinária, como se faz progresso nas ciências naturais, pela aplicação dos princípios à prática. Esta aplicação torna-se sempre mais perfeita pelo uso mais frequente que dela se faz e pela atenção que se lhe dá. Um artista que não quisesse fazer nenhuma

obra da sua arte, um orador que não quisesse empreender nenhum discurso, por não poderem ainda dar às suas obras toda a perfeição dos grandes mestres, com razão se diria que, por essa conduta insensata, eles nunca chegariam a alguma coisa.

Não basta conhecer os princípios: cumpre aplicá-los com justeza. Os talentos desenvolvem-se pouco a pouco pelo exercício. Antes de dar à sua obra toda a perfeição que lhe convém, fazem-se muitas obras imperfeitas. É só por um trabalho assíduo que se consegue corrigir os defeitos que se reconhecem na obra – a experiência é sobejamente constante para que se possa duvidar disso. É pelas reflexões sobre as próprias faltas que se aprende a evitá-las. Para isso, importa ensaiar-se cedo, não se contentar com a teoria, e pôr mãos à obra.

Na ciência dos santos, e na prática das virtudes, além da aplicação e da assiduidade, necessita-se de um socorro particular da parte de Deus. Suponho que, pelo desejo que se tem de lhe agradar, se lhe pede amiúde esse socorro, como o artista recorre ao seu mestre. No mais, os princípios que acabamos de assentar são os mesmos. Uma alma cristã não conseguirá corrigir-se pelo simples conhecimento das regras que devem dirigi-la, mas sim pela aplicação dessas regras à sua conduta. Se ela não os aplicar, na prática nada fará para se aperfeiçoar.

Admito que, oferecendo a Deus as suas ações, ela ainda não lhes dá toda a perfeição que elas poderiam ter; mas, pelo menos, lhes suprimirá sempre alguma imperfeição, e por esse modo as tornará menos defeituosas aos olhos de Deus. O sacrifício que ela fará a Deus desse defeito lhe tornar-se-á útil, quer pelo hábito que ela contrairá de se vencer em mira a Deus, quer pelas graças que essa docilidade às luzes do Espírito Santo lhe atrairá. Fazei, pois, sempre o que puderdes, e pedi com confiança o que não puderdes.

Uma pessoa extremamente viva, fortemente apegada à sua vontade, ao seu juízo particular, nas relações que tiver com o próximo deixar-se-á levar, vinte vezes ao dia, à impaciência, à impetuosidade do seu caráter: se ela não pensar em que todas as suas ações devem ser referidas a Deus, nada será capaz de detê-la, mas, ao contrário, este pensamento, se ela a ele se prender, detê-la-á primeiramente nas ocasiões mais fáceis; e, se noutras não a

detiver inteiramente, pelo menos lhe moderará os ímpetos, lhe fará cortar muitas coisas que a caridade condena.

Finalmente, se esse pensamento não tiver nenhum efeito, será uma resistência à graça, coisa de que é preciso pedir perdão a Deus. Todavia, essa mesma falta servirá para corrigi-la, quer pelo fato de humilhá-la diante do Senhor, quer pelas reflexões salutares que ela fará sobre a sua vivacidade quando, mais tranquila, testemunhar a Deus o seu pesar por isso.

O que aqui se diz da vivacidade deve aplicar-se a qualquer outro defeito que pode tornar defeituosas e imperfeitas as ações.

É certo, e a experiência o confirma, que resulta sempre um bem dessa referência das próprias ações a Deus. Este pensamento: "é para Deus que eu quero agir", não pode deixar de produzir uma impressão salutar, não pode deixar de animar a evitar os defeitos que podem insinuar-se na ação, de sustentar enfim no combate que se tem consigo mesmo. Por pouco fiel que sejamos a esta prática, experimentaremos que tornamos as nossas ações sempre menos defeituosas, que de dia para dia as tornamos mesmo mais perfeitas, pelo socorro das graças que recebemos.

Deus nunca deixa sem recompensa a boa vontade que lhe testemunhamos empregando os meios que Ele nos designou para nos tornarmos melhores. *Andai na minha presença,* diz Ele a Abraão, *e sereis perfeitos*.[23] Andar na presença de Deus é referir a Ele todas as nossas ações.

Mas, finalmente, quando eu oferecer a Deus a minha ação, na qual se insinuarão muitas negligências, e mesmo faltas, posso lisonjear-me de que essa ação tão imperfeita me seja de alguma utilidade, e de que o Senhor queira levá-la em conta?

Suponho que, quando se oferece a Deus a sua ação, por mais temor que a experiência suscite, não se está na determinação de cometer as faltas que se preveem ou que se temem. Se, no curso da ação, nos tornamos fraco, frouxo, tíbio, negligente, infiel, sem dúvida Deus não olhará as nossas negligências e as nossas faltas senão para no-las exprobrar; mas as suas exprobrações serão as de um Pai terno que tem compaixão da nossa fraqueza. Elas vos animarão a precaver-vos contra a covardia a que destes ouvido; e, por um efeito dessa misericórdia infinita de que usa a nosso respeito, Ele

receberá o bom desejo que lhe houverdes mostrado, embora a execução dele seja tão imperfeita.

Uma alma cristã reconhece então com humildade a sua fraqueza, a sua inconstância; reanima a sua confiança, o seu amor; redobra as suas preces, na esperança de que Deus lhe dará mais graças para se tornar mais fiel. Guardar-se-á bem de abandonar, seja lá quando for, os meios que lhe podem ser úteis para se corrigir. Repitamo-lo sem cessar: ela faz o que pode; pede o que ainda não pode – sempre na confiança de que esse meio, que vem de Deus, se não tem hoje todo o efeito que deve ter, tê-lo-á dentro em um mês, tê-lo-á enfim certamente, se ela não o desprezar, e se for constante em empregá-lo.

***

19. Quando cessam as consolações

Uma alma que Deus, por uma providência particular, conduziu durante algum tempo pela trilha de uma devoção sensível, acha uma razão de desânimo, que ela acredita muito bem fundada, se Deus vem a mudar de conduta a seu respeito, e já não a toca mais sensivelmente. É por falta de reflexão que ela cai nessa armadilha.

Acaso pensa uma alma cristãmente quando se entrega então ao abatimento e ao desânimo? Será por essas doçuras, por essas consolações sensíveis, que ela serve a Deus? Em si mesmo e por si mesmo, Deus não merece nada? A posse de Deus e as recompensas eternas, que são prometidas à fidelidade, não fazem nenhuma impressão sobre ela para sustentá-la? Se assim fora, e se ela o reconhecesse, deveria bendizer a Deus por haver retirado essas graças sensíveis: pois seria muito de recear que só a si mesma ela houvesse procurado no serviço de Deus, e houvesse inteiramente esquecido a glória que Deus queria haurir dela.

Portanto, se então ela carece de firmeza nas suas resoluções, é que, perdendo de vista a Deus, e não sendo mais atraída por essa doce sensibilidade, o seu coração não está num exercício frequente de Fé, de Esperança, de Amor, de gratidão, de desejo de ser todo de Deus. Ora, se o seu coração permanecer na inação em relação a Deus, ou se dissipará procurando satisfações naturais, ou incidirá na pusilanimidade e perderá todo ânimo.

Para vos sustentardes em qualquer estado em que vos acheis, deve ser a Fé o vosso recurso: ela será a vossa força e o vosso consolo. Se a sua luz vos alumiar e vos conduzir, vos fará enxergar as ciladas, e vos dará os meios de evitá-las. A conduta de uma alma fundada na fé é bem mais segura do que a conduta de uma alma fundada nas consolações. Na primeira, os princípios aparecem sob o mesmo aspecto, sempre seguros e inabaláveis; fundam-se na verdade e na revelação; facilmente se tiram deles as

consequências que se devem pôr em prática, e os meios que se devem empregar para ser bem-sucedido.

Destas verdades: que Deus, criador do universo, é o soberano Senhor, o fim último das criaturas; que só as pode ter criado para a sua glória; que morreu para lhes proporcionar uma vida eternamente feliz; de tudo isto claramente se conclui que é preciso obedecer-lhe, referir-lhe tudo o que depende de nós, amá-lo acima de todas as coisas, seja lá como for que Ele nos trate. Estas verdades, achamo-las sempre na Religião, desde que o queiramos; ela nos fala sempre a mesma linguagem: aqui nada está sujeito à ilusão. Os princípios são claros, são certos: não se fazem mister longos raciocínios para ver as consequências práticas que deles se devem tirar.

Pelo contrário, a devoção sensível está sujeita à ilusão. Pode-se tomar uma naturalíssima ternura de coração por uma consolação do Céu. Então, depois de experimentar os mais ternos sentimentos na oração, fica-se sem vigilância, sem força, sem vontade para levar uma vida mais recolhida, mais mortificada, mais regular. Esses exemplos não são raros.

Quanto às consolações e à sensibilidade que vêm realmente de Deus, e que produzem numa alma frutos preciosos de virtude e de mérito, Deus pode retirá-las. Semelhantes graças não são necessárias à salvação, e o Senhor às vezes as cerceia, para nos ensinar que, se devemos recebê-las com tanta humildade quanta gratidão, não nos devemos apegar a elas de maneira que a nossa fidelidade esmoreça e concebamos inquietação quando elas vêm a nos faltar. Privando-nos delas, Deus não se afasta de nós; tem outros desígnios: quer experimentar e depurar o nosso amor a Ele.

Entretanto, que sucede então com uma alma acostumada a se deixar guiar por essa sensibilidade de devoção, quando não a acha mais no seu coração? Então ela se sente sem apoio: não sabe mais a que recorrer para se animar e se sustentar. Pouco afeita a se guiar por esse amor que vem da Fé, nem sequer pensa em enveredar por essa trilha, a única que lhe resta, e cujas vantagens ela não conhece. Desconcertada por essa privação, afasta-se de Deus por infidelidades multiplicadas, por imaginar falsamente que Deus se afasta dela, quando não faz senão experimentá-la. A tentação lhe

avoluma os objetos, e põe-na em perigo de abandonar a Deus inteiramente.

Se a sensibilidade da devoção é mais doce e mais satisfatória, a conduta da Fé é bem mais segura e mais meritória. A esta devemo-nos, pois, apegar em todo tempo e em qualquer estado em que nos achemos. Saboreai as consolações que Deus vos der; mas, agindo, apegai-vos aos *princípios* da Fé; então não tereis nada a mudar aos motivos da vossa conduta, quando as consolações vierem a cessar.

***

20. Perigos no tempo da secura

Os tempos de secura são difíceis e penosos para uma alma que busca a Deus sinceramente. Essa provação desanima muitos. Mas ouso dizer que esses tempos são mais penosos e mais perigosos por causa da conduta que seguem ordinariamente as pessoas assim provadas. A primeira falta que elas cometem é faltarem à confiança na oração, é descurarem o dar-se a ela, ou a ela se aplicarem displicentemente num tempo em que mais necessidade têm dela. A dificuldade que achamos em aplicar-nos nunca deve fazer-nos abandonar os exercícios de piedade que são ou de dever ou de uso.

A virtude consiste em fazer a vontade de Deus – não se pode inculcar excessivamente isto. Deus quer que, em tal tempo, uma alma religiosa esteja na meditação, na oração, no coro, na leitura pública ou particular, etc. Não deve ela faltar a isto, pois ignora se em algum desses exercícios Deus não lhe mudará as disposições; deve, pois, ir a eles com confiança, no desejo e na esperança de aproveitar das graças que Deus lhe conceder.

Mas dizeis: eu não faço nada disso; repleto de aborrecimento, de tédio, de distrações; não tenho nem bom pensamento, nem bom sentimento; o meu espírito está cego, e o meu coração está mudo.

Sei o quanto é penoso esse estado, pelo combate contínuo em que se precisa estar. Mas será um consolo para vós estar seguro de que fazeis a vontade de Deus, desde que estais na ocupação que ele pede de vós. Se solicitardes com confiança a graça de suportar com paciência esse estado de tédio e de aborrecimento, e de perseverar na fidelidade apesar da pena que experimentais, Deus não vos a recusará; e, se Ele vos fizer esperar algum tempo por essa mudança para a qual implorais a sua misericórdia, será só para experimentar o vosso amor, e para aumentar o vosso mérito.

Aliás, é fora de propósito vos afligirdes com as distrações. Elas só são culposas na medida em que a elas nos entregamos

voluntariamente. Se nos desviamos delas assim que as percebemos, elas não impedem a oração de ser agradável a Deus; a oração torna-se, com isso, duplamente meritória. Pratica-se, nela, a piedade e a mortificação. O mérito é fundado nas dificuldades vencidas pelo espírito de fé e de amor. Quando, pois, a distração se renovasse a cada momento, renunciai-lhe com a mesma fidelidade, para vos repordes na presença de Deus, e não tereis censuras a sofrer da parte d'Ele.

A leviandade de espírito desvia o coração da oração; mas Santo Agostinho diz que, quando gememos com essa corrupção e nos humilhamos dela, continuamos a orar. A Religião é sempre consoladora quando nos apegamos aos seus princípios, e quando lhe seguimos com docilidade as práticas.

Eis que não experimentais nem bom pensamento nem bom sentimento de que possais ocupar-vos na oração. Nisto pode haver perturbação ou preguiça. Perturbamo-nos com o nosso estado; e, desde que a perturbação se apossa de uma alma, esta já não reflete bastante para achar os meios de se sustentar. A perturbação escurece as luzes: não nos detemos em nenhum dos meios que entrevemos, e que passam rapidamente pela mente, porque não os consideramos suficientemente para apreendê-los e os pôr por obra. Na perturbação, o temor prevalece, o coração se angustia; ela quase não deixa lugar aos dons que Deus está disposto a nos fazer, e assim opõe obstáculo à sua liberalidade.

A preguiça faz com que não nos demos o trabalho de refletir sobre as máximas da fé, para as aplicarmos; que nos cansemos de combater, pela pena que nisto achamos. Em breve imaginamos que combater com perseverança é uma coisa acima das nossas forças. Deixamo-nos levar à negligência, que torna ainda mais penosos esses santos exercícios, ou os abandonamos inteiramente.

Não é muito difícil remediar essas falhas. Deveis estar certo de que esse estado não é mau em si mesmo; que nesse estado podeis ser agradável a Deus e adquirir muitos méritos para o Céu, como já vos fiz notar. Por que, pois, vos perturbardes com isso? Se só o Céu buscais, encarai o vosso estado como um bem, visto que ele vos pode conduzir a ele; e conduzir-vos a ele mais seguramente do que um estado mais agradável à natureza e ao amor-próprio.

Alargai o vosso coração por motivos de confiança que a Religião vos fornece, para receberdes o socorro de Deus. Aceitai da mão do Senhor esse estado penoso, suportai-o com paciência por todo o tempo que a Deus aprouver vos manter nele; oferecei-o, enfim, em espírito de penitência e de satisfação.

Não há alma que não possa e que não deva humilhar-se diante de Deus, submetendo-se aos rigores interiores que experimenta. Estes santos pensamentos vos apegarão a Deus, o vosso próprio estado vos fará nascer. Desde que a perturbação e a inquietação não mais vos ocuparem, volvereis os olhares para o Céu, de onde o socorro vos deve vir.

A meditação torna-se outro motivo de inquietação – e eis aqui a cilada que a tentação vos arma, para vos tornar penoso esse santo exercício e impedir-vos de aproveitar dele. Essa tentação também vos desvia da vontade de Deus, impedindo-vos de seguir o atrativo que Ele vos dá, para vos apegar à vossa vontade por uma maneira de meditação que é da vossa escolha e que Deus não vos dá; e isso contra a máxima geralmente aprovada, de que em tudo, e mormente na meditação, devemos seguir o atrativo de Deus.

Se Deus conduz uma alma à meditação por vistas de várias virtudes, enquanto uma primeira vista a ocupa, não deve ela desviar-se dela. Desde que essa já não a ocupa mais, deve ela prender-se àquela que Deus lhe apresenta. Mas, como se fosse necessário só se ocupar de um único objeto, e como vários não podem ocupá-la utilmente, ela se desvia desse atrativo para se obstinar no primeiro assunto, que não lhe fornece mais nada; e, querendo fazer a sua vontade contra a vontade de Deus, não pode ocupar-se de coisa alguma útil.

Deus atrai outra alma por meio de reflexões seguidas sobre as grandes verdades da Religião. Quer que ela as aprofunde, para fazer uso delas na sua conduta. Mas não foi esse o plano que ela formou para si. Quereria ser toda sentimento por Deus: só se compraz nos afetos, e as reflexões a aborrecem. Sai então da trilha que o Senhor lhe marcou, escolhe outra onde não o acha. Deixa escapar mil reflexões úteis, para se consumir enfim em frios sentimentos que não a satisfazem, porque só vêm dela mesma. E queixa-se de não poder ocupar-se na meditação.

Uma terceira alma quereria seguir o método comum da meditação, refletir sobre o objeto que preparou, entrar nos sentimentos que essas reflexões fazem nascer, tomar, em consequência, as resoluções que devem corresponder a elas, e, segundo esse método, ocupar-se de Deus. Mas não é isso o que Deus pede dela; Deus quer lhe ocupar o coração muito mais do que a mente.

Se ela se desviar do sentimento que Deus lhe dá, para voltar às reflexões, mil distrações as desviarão do seu objeto, sobretudo se ela tiver uma imaginação viva, que, num momento, leva longe a reflexão, e, de alguma sorte, vê tudo num relance. Breve não terá ela, pois, nem reflexões santas nem bons sentimentos: cansada de lutar contra si mesma, desesperando de ser bem sucedida, abandonará a meditação, ou nela se entregará a distrações voluntárias.

Toda pessoa, desolada de não achar o Deus que acredita procurar de todo o seu coração, cai no desânimo. A oração vem a pesar-lhe – e ela abandona-a. Prestai atenção a isto: essa dificuldade de se ocupar de Deus provém do fato de ela resistir ao espírito de Deus, para seguir o seu próprio espírito. Se ela se deixasse conduzir por esse espírito divino, logo as suas queixas cessariam, pela facilidade que ela acharia em praticar esses santos exercícios, ou por vantagens que deles tiraria para a sua perfeição.

O método comum é ótimo, é sempre o primeiro que se deve seguir. Mas, quando o espírito de Deus proporciona um atrativo particular, é conselho de todos os Padres espirituais que nunca se deve contrariar esse atrativo, e que a pessoa deve deixar-se conduzir pelas impressões dele, consoante a palavra do Salvador: *O espírito sopra onde quer: deve-se escutá-lo sempre*.[24]

***

21. Dificuldades na meditação

Mas afinal, acrescentam algumas vezes certas pessoas, várias vezes sucede não se ter nenhum atrativo particular. Prepara-se ou resolve-se ler um assunto, que logo se esquece, ou no qual não se acha com que se ocupar, ao menos por longo tempo. Neste caso, não se sabe o que fazer na oração. E logo a gente se persuade de que perde aí o seu tempo, que empregaria melhor noutro lugar e em alguma ocupação do seu estado. Não é melhor seguir esta ideia do que estar na oração sem aí fazer nada?

Esta ideia é uma tentação perigosa e funesta, que afasta de Deus uma alma e a faz esquecer a Deus, justamente pela ocupação que ela toma contra a vontade d'Ele.

Porque, afinal de contas, — direi eu também por meu lado, — é bem de admirar que uma alma religiosa formule semelhante queixa, e confesse, sem corar, que não acha com que se ocupar diante de Deus. Se a preguiça ou o amor-próprio não a impedem disso, então entre ela em si mesma, examine diante de Deus se os seus sentimentos, os seus motivos, as suas diligências, o seu proceder são conformes àquilo que a santidade do seu estado pede, quais são as paixões que a ocupam, quais as ocasiões que a arrastam às faltas que ela comete; e, nos sentimentos de pesar que testemunhar a Deus, procure os meios que deve empregar para se corrigir. Eis aí um assunto que facilmente se pode ter sempre presente, que se pode tomar com frequência, e que é talvez um dos mais úteis.

Quantos outros assuntos mais ou menos semelhantes não pode a gente propor-se! Não há ninguém que não possa prender-se a alguma das vistas que a fé fornece, e que lhe podem ser mais familiares.

Como o *Publicano*, a gente se reconhece indigno dos benefícios de Deus; implora a sua misericórdia; admira a sua

bondade que nos suporta; dá-lhe mil ações de graças.

Como Madalena, mantemo-nos aos pés de Jesus Cristo; testemunhamos-lhe o vivo pesar que concebemos das nossas faltas; solicitamos o perdão delas. Repassamos na mente os bens que temos recebido da pura liberalidade do Senhor, a criação, a redenção, a providência especial que nos colocou na sua Igreja, único asilo para a salvação; a sua bondade, que nos buscou quando lhe fugíamos; a sua paciência, que nos suportou quando lhe resistíamos; a sua doçura, que nos repôs no caminho quando dele nos transviávamos.

Estes objetos, e mil coisas semelhantes, fundados naquilo que deveis a Deus e nos vossos interesses pessoais em relação à eternidade, poderão ocupar-vos utilmente diante de Deus, sem vos constrangerdes, nem vos obrigardes a deter-vos na mesma vista senão enquanto ela vos ocupar.

Quando se tem uma imaginação viva e volúvel, facilmente ela é detida lhe apresentando um objeto sensível no qual achamos um bem interessante. Jesus Cristo, Deus e homem, é um objeto sensível, e capaz de excitar numa alma o mais vivo interesse. Que utilidade não podemos tirar dele para a meditação!

O representamos ensinando os homens; fixamo-nos nas verdades que Ele lhes revela. Consideramo-lo agindo entre os homens: vemos as suas intenções para a glória de seu Pai, a sua exatidão em cumprir a vontade de seu Pai, embora bem rigorosa; a sua paciência; a sua caridade para com os homens, nas humilhações e nos sofrimentos a que se submete por amor a eles. Que exemplos não achamos em todas as virtudes que esse divino Salvador praticou! Exemplos capazes de impressionar a imaginação, de ocupá-la utilmente, se nos dermos o trabalho de aplicá-los à nossa conduta.

Muitas vezes, no tempo da oração, estamos diante do Santíssimo Sacramento. Esta vista relembra-nos o sacrifício de Jesus Cristo nos nossos altares, a sua morada no tabernáculo, a mesa santa onde Ele nos convida a nos alimentarmos da sua própria carne, e onde tantas vezes nos tem unido a si de maneira tão íntima, tão perfeita. Esses prodígios do seu amor a nós, que reflexões, que sentimentos não nos inspirarão, por pouca atenção que lhes

prestemos? Se, apesar de tudo isso, a imaginação se extravia, lançai os olhos sobre o altar onde Jesus Cristo está presente, sobre a Cruz a que está pregado, e logo a reconduzireis a Ele.

Em qualquer estado que estejais, ide sempre à oração, na firme esperança de que será um tempo de mérito para vós. Já que é Deus quem a ela vos chama, achareis nela as maiores graças pelo sacrifício contínuo que fizerdes de vós mesmos à vontade de Deus. A confiança dá esta santa liberdade que se deve ter com um pai infinitamente bom; dilata o coração pelo amor; consola a alma de todas as suas penas pela esperança das recompensas. Experimentareis o socorro d'Ele para combaterdes e vencerdes as paixões que são as inimigas da sua glória tanto como da vossa felicidade. Nunca vos perturbeis; não deis ouvidos à preguiça; não temais nada, estando sob a proteção de um Deus infinitamente bom, todo-poderoso, e fiel as suas promessas.

Achareis sempre ou com que vos ocupardes, ou, combatendo, com que merecerdes uma felicidade eterna.

***

22. Dificuldades com os próprios sentimentos

Outra fonte de desânimo vem do fato de alguém se atormentar para ser tocado sensivelmente. Fazem-se para isso os maiores esforços. Imagina-se que, sem essa sensibilidade, não se pode ser agradável a Deus, como se Deus fizesse questão de um sinal tão equívoco na piedade, e não sondasse o coração; como se Jesus Cristo, na maior desolação, no Horto das Oliveiras, não tivesse sido sempre infinitamente agradável a seu Pai.

Nesse estado nada fareis, se vos esforçardes por vos elevar a mais além da graça que tendes. Bem longe de procurardes ser tocado sensivelmente, coisa que Deus não vos concede nesse momento, o que deveis é simplesmente ocupar-vos de Deus, segundo as graças que Ele vos faz. Se Ele quer manter-vos nas vistas da pura fé e nos sentimentos que elas excitam no coração pela via do raciocínio, não saiais dela enquanto o próprio Deus dela não vos tirar. Contentai-vos com aplicar à vossa conduta as verdades da Religião e as máximas da sua moral, para vos humilhardes diante de Deus das vossas infidelidades, e tomar as resoluções e os meios de evitá-las de então por diante. Deus receberá os vossos sentimentos, fortalecerá as vossas resoluções, recompensá-las-á por graças as mais preciosas.

Eu faço tudo isso, dizeis vós, mas, fazendo-o, não sinto nada por Deus; parece-me mesmo que, quando a boca exprime os sentimentos que eu ofereço a Deus, o coração não toma parte nisso. Sinto mesmo, às vezes, me elevarem no coração sentimentos opostos aos que eu quisera ter por Deus; e é isto o que me desconcerta, me abate, me desanima.

Examinai essa pena a sangue-frio, e logo sereis curada dela. Deus só pede sentimentos verdadeiros. Para vos tranquilizardes sobre os vossos, não é necessário que eles sejam acompanhados dessa sensibilidade que afeta o coração com tanta doçura e

vivacidade; basta saberdes que esses sentimentos estão na vossa alma, isto é, na vossa razão, na vossa vontade; basta que os julgueis sinceros pela disposição em que prometeis a vós mesmo segui-los na prática. Os vossos sentimentos são então verdadeiros, sinceros; e serão sobrenaturais se Deus os fizer acompanhar da sua graça.

Isto não deve parecer-vos singular. Agindo com os homens, para lhes prestar serviço, quantas vezes não achamos sentimentos verdadeiros que não são acompanhados dessa sensibilidade que experimentamos quando agimos por um amigo? Quantas vezes, mesmo quando se trata de um amigo, agimos sem gosto, sem atrativo, e mesmo com certa repugnância! E então já não há generosidade nos serviços que lhe prestamos? Na Religião, é esta a instrução que se dá às pessoas que dispomos para o sacramento da Penitência; lhes dizemos: não é necessário que a contrição seja sensível; basta que seja sincera, pela disposição em que a pessoa se coloca de viver melhor para o futuro.

A vossa aflição sobre a falta de sensibilidade é, pois, sem fundamento; e completamente desarrazoado é o desânimo que a segue. Ao invés de vos ocupardes dela, deveis desprezá-la. O que então deveis fazer é recorrer a Deus e pedir-lhe que acompanhe os vossos sentimentos com sua graça, a fim de que eles se tornem sobrenaturais, e não careçam de nenhuma perfeição necessária para lhe serem agradáveis.

A sensibilidade na devoção, no amor a Deus, na caridade para com o próximo, não depende de vós; não vo-la ordena o Senhor; não a exige de vós. Não podeis adquiri-la pela vossa indústria, pelos vossos esforços: outra razão, esta, que deve tranquilizar-vos quando não a sentis. Quando Deus a dá, temo-la sem esforços: quando não a dá, todos os esforços são inúteis. Atormentando-vos para excitá-la em vós, só fazeis é esquentar a cabeça pela contenção em que vos colocais; e, todo ocupado desse objeto, secais a devoção que a fé vos inspiraria, ao invés de reanimá-lo. Segui o Espírito de Deus; aguardai que Ele vos previna, e não o previnais vós mesmo senão pelas vossas orações.

Essa sensibilidade que comove, que transporta, que põe no coração um vivo ardor que muita gente tem tido dificuldade em sustentar, é uma dessas graças que ordinariamente são a

recompensa da mortificação interior; graças sem as quais não se pode chegar à perfeição; graças que Deus dá e retira segundo os desígnios impenetráveis da sua providência. Podemos pedi-la com confiança, recebê-la com gratidão; mas a humildade exige que a aguardemos sem pressa, que a usemos sem apego, e que estejamos sempre dispostos a fazer o sacrifício dela logo que Deus a reclame.

Bem certo é, pois, que, para agradar a Deus, para ter por Deus sentimentos verdadeiros e sinceros, não é necessário experimentar essa sensibilidade, mesmo quando nos ocupando de objetos os mais capazes de excitá-la. Ocupando-nos desses objetos, basta pormos o nosso coração na sincera determinação de preferirmos Deus a tudo aquilo que poderia nos fazer perdê-lo. Esses sentimentos de amor a Deus, pode a Fé fornecer-nos sempre os motivos para os excitarmos em nós, e eles são sobejamente conhecidos para que eu vo-los deva relembrar aqui. Como esse amor é necessário para a salvação, Deus está sempre pronto a, pela sua graça, ajudar-nos a produzi-lo, quando é com confiança que o invocamos.

Essa sinceridade de sentimento pelo qual o nosso coração se prende a Deus pela livre escolha da nossa vontade, é que nos torna agradáveis aos olhos d'Ele. Não há ninguém que, guiando-se pela fé, não possa descobrir na sua alma essa sincera determinação, pelos meios que ela está resolvida a empregar, segundo o Evangelho, para se colocar nessa disposição e para nela se manter. Não pretendo possa ela estar absolutamente certa disso; mas terá provas bastante fortes disso, para não se perturbar com esse estado de secura, de tédio, de tibieza involuntária em que Deus a mantém, e para esperar que, pela sua misericórdia, Ele lhe tornará esse estado útil para a sua salvação.

E notai bem que uma alma que tem a maior sensibilidade de devoção, ignorando se essa sensibilidade vem da graça, não está mais segura do que vós de amar a Deus verdadeira e sobrenaturalmente. Nem por isso, pois, estaríeis mais adiantada quando tivésseis essa devoção sensível que faz o objeto da vossa ambição, e cuja ausência vos perturba e vos desanima.

Também não deveis surpreender-vos de experimentar mais sensivelmente sentimentos contrários aos que quereis testemunhar a Deus: isso acontece em todas as tentações. Os sentimentos das paixões são sempre mais vivos e mais afetuosos: degustamo-los mais facilmente, mais fortemente, porque eles nos levam a objetos sensíveis, ou mais conformes às inclinações da natureza, aos pendores do amor-próprio, ou, antes, é a propensão natural de nós mesmos que os excita. Essa sensibilidade vem do fundo da natureza; não precisa de socorro estranho.

Ao contrário, a sensibilidade nas coisas de Deus é efeito de uma graça que Deus nem sempre dá. Os sentimentos que a fé produz, bem longe de terem essa proporção com a natureza e com o amor-próprio, lhes contrariam todas as inclinações. Não é, pois, surpreendente que experimenteis sensibilidade nos primeiros, sem experimentá-la nos segundos, quando Deus não vo-la dá. Sem vos perturbardes nem vos assustardes, deveis, pois, comportar-vos, nesse estado de aridez, de desgosto, de repugnância, como o fazeis em todas as tentações.

Depois de implorardes a misericórdia de Deus, renunciai a esses sentimentos que vêm estorvar a vossa união com Deus, desviai-vos deles por uma aplicação mais forte aos motivos que vos levam para Deus, e também pelo exercício do amor de Deus, produzido na razão e na vontade muito mais do que nos sentidos, pela fé e pela graça. Forçai a tentação a vos deixar em paz: tereis menos consolação, porém tereis mais méritos; e o mérito está muito acima das consolações.

***

23. Como bem servir-se das leituras

Há pessoas que, nesse estado de secura, em que a sua mente e o seu coração não fornecem nada para elas se entreterem com Deus, servem-se de livros para suprirem à sua impotência e para se recolherem mais facilmente, e se impedirem de distrair-se. Este método pode ser bom, porque a leitura pode deter e fixar a imaginação. Se esta se extravia, e se o percebemos, temos sempre diante dos olhos, nas reflexões e nos sentimentos que os livros encerram, objetos que nos reconduzem a Deus. Penso, contudo, que não nos devemos apegar a essas leituras sem necessidade, e sem seguir certas regras que as possam tornar úteis.

Primeiramente, não se deve recorrer aos livros por preguiça, para se poupar a pena de pensar e de conversar com Deus. Este motivo afastaria Deus de vós, e seria causa de não achardes nos livros o recolhimento que neles buscais. Para atrair sobre vós as misericórdias do Senhor, cumpre que o motivo que vos faz agir seja bom – e esse que então vos guiaria não seria bom.

Não conseguiríeis, pois, recolher-vos, e incidiríeis em outro inconveniente. Perderíeis o hábito de ocupar-vos por vós mesmo de Deus, de sorte que, quando os livros vos faltassem, já não saberíeis o que fazer na Missa, na meditação; quando quisésseis passar algum tempo diante do Santíssimo Sacramento, ou quando na vossa cela quisésseis recolher-vos para vos unirdes a Deus, o mesmo espírito de preguiça vos impediria então igualmente de vos incomodardes para refletir.

Não deveis, pois, servir-vos dos livros senão no caso em que, apesar da vossa boa vontade e dos vossos esforços, a imaginação se extravia frequentemente, sem que o percebais. Então Deus abençoará esse cuidado que tomais para não o esquecerdes por distrações, mesmo involuntárias.

Ora, como sempre se faz mister nos apegarmos aos meios que a Providência estabeleceu para nos salvar, quando fordes obrigado a tomar um livro durante algum exercício, observai que esse livro seja conforme ao gênero de exercício que deveis fazer. A vontade de Deus é que nesse tempo vos ocupeis de preferência de tais e tais reflexões, de tais e tais sentimentos. Nunca deveis afastar-vos dessa ordem da Providência, para a qual as graças vos são prometidas e preparadas. Deveis, pois, tomar um livro próprio para vos ajudar a cumprir esse dever.

Guardai-vos de imitar pessoas que, durante a Missa, tomam o primeiro livro de piedade que encontram ou que o gosto lhes faz preferir. Serão um sermão, ou alguma obra semelhante; e, arrastadas pela sua leitura, passam esse santo tempo sem saberem se assistem à Missa, ou, pelo menos, sem testemunharem a Deus nenhum desses sentimentos que no coração deve produzir esse mistério do amor de Jesus Cristo a nós. Quantas graças não perdemos, por uma conduta que indica tanta indiferença por esse divino Redentor imolado todos os dias no Altar, quando nada lhe pedimos num tempo em que Ele está disposto a nada recusar, visto que foi na fogueira do seu holocausto que Ele estabeleceu o trono da sua misericórdia!

Aliás, quando essa conduta não tivesse esse inconveniente, ela não é segundo o espírito da Igreja. Esta terna mãe dos fiéis, atenta a tudo o que pode contribuir para a salvação deles, exorta-os a unir-se ao sacerdote para oferecerem com ele esse sacrifício ao Pai onipotente. A consagração pertence só ao padre, mas a oblação que a precede todo o povo a faz com ele; e ele mesmo exorta os fiéis a se unirem a ele para atrair sobre toda a Igreja as graças do Senhor: “*Orate fratres*; Orai, irmãos, a fim de que o meu sacrifício e o vosso se tornem agradáveis a Deus Pai onipotente”.

Para entrar nesse espírito, deveis, durante a Missa, servir-vos desses livros que, por orações conformes às diferentes partes da missa, vos ajudam a unir-vos a Jesus Cristo pelos diversos sentimentos que cada parte pode inspirar no sacrifício que Ele oferece a seu Pai em vosso favor; ou desses livros que, por considerações particulares sobre o mistério da Eucaristia, vos dão ensejo de produzir atos de Fé, de Esperança, de Amor, de Gratidão.

Esse Sacrifício é obra do amor – e o amor só pelo amor pode ser compensado. Sondai o vosso coração, e achareis gravada nele esta máxima: “Não é de estranhar que, enquanto Jesus Cristo faz por vós os maiores milagres, nada façais para lhe testemunhar que sois sensível a isso?”

Não pretendo que essa maneira de assistir à Missa seja absolutamente necessária. Sei que, seja qual for a oração vocal ou mental que se faça, unindo-se às que o padre faz, isto basta para se desobrigar digna e santamente desse exercício; mas penso que, quando alguém é obrigado a tomar um livro para se recolher num exercício de piedade, é mais a propósito fixar-se naqueles livros que melhor nos fazem entrar no espírito desse santo exercício.

Não digais, como certas pessoas cuja leviandade se mostra em todas as coisas, que é aborrecido dizer sempre a mesma coisa. A Missa não é um divertimento, para que se procure variedade. É a ação mais santa, mais augusta, o mistério mais temível da Religião. Os motivos são sempre os mesmos; os bons sentimentos não poderiam ser demasiadamente repetidos para os gravarmos mais profundamente no coração. Deus recebe-os sempre com bondade: não deixa nenhum sem recompensa.

***

24. Como bem escolher as leituras

Para nos ocuparmos, na meditação, com o socorro dos livros, importa muito escolher bem os livros de que nos queremos servir, e seguir nessas leituras um método útil. Há livros que contêm meditações em que a alma se eleva, de alguma sorte, ao seio de Deus, perde-se nas suas infinitas perfeições, e leva a sua vista às profundezas dos seus mistérios. Esses livros não são próprios para uma alma que necessita de socorro para se recolher. Só Deus pode fazer entrar nesta espécie de meditação; e, quando Ele a ela nos chama, entramos nela sem dificuldade.

Uma alma que entrasse nela por si mesma, sem a isso ser atraída pela graça, extraviar-se-ia infalivelmente, e incidiria numa funesta ilusão. Não seria Deus quem a conduziria por essa trilha extraordinária – ela só seria guiada nela pelo orgulho e pela presunção. O amor-próprio, a vã estima de si mesma não tardaria a insinuar-se na sua oração, impedi-la-ia de tirar proveito dela, afastá-la-ia mesmo de Deus, ao invés de aproximá-la; ou, se ela agisse de boa-fé, em breve a inutilidade dos seus esforços a lançaria no desânimo.

Falo, pois, aqui da meditação que está ao alcance de toda alma cristã. O fim da meditação é não somente esclarecer a mente sobre as verdades da Religião, sobre a extensão das nossas obrigações, mas é também excitar o coração a se apegar a Deus pelos sentimentos, e levá-lo à prática das verdades que devem santificá-lo. Com efeito, de que serviria conhecermos os nossos deveres, se por motivos da Religião não nos aplicássemos a animá-los desse amor cristão que os faz cumprir em mira a Deus?

Portanto, um livro que só servisse para vos instruir, que não vos propusesse os motivos próprios para pôr o coração em movimento a fim de se prender às máximas que ele propõe, não seria próprio para vos ocupar na meditação. Ordinariamente, a instrução não falta: o que falta é a determinação à prática.

Livros de meditação prática é que é preciso empregar; ou então desses livros em que os sentimentos se juntam às reflexões, e fazem amar o dever fazendo conhecê-lo. Sem isso, perderemos a

prática comum da meditação, e achar-nos-emos muito embaraçados quando quisermos por nós mesmos refletir sobre as verdades da Religião, e tirar delas ou consequências práticas ou afetos para regular a nossa conduta; porque não teremos acostumado a nossa mente a esse método, servindo-nos de livros que não o propõem.

A meditação não é um estudo para se instruir, porém um meio de se determinar a viver santamente, pelos motivos que a Religião apresenta. Não basta ser esclarecido sobre as próprias obrigações, é preciso que o coração se apegue a elas para agradar a Deus.

Se quiserdes tirar fruto desse santo exercício feito com o socorro dos livros, observai o não lerdes continuamente, sem nunca parar. A meditação e a leitura espiritual são exercícios bem diferentes: a meditação é feita para prender o vosso coração a Deus; nunca percais isto de vista. O coração só se apega pelos seus próprios sentimentos. O que achais nos livros são os afetos, os sentimentos de outrem: não são os vossos. Portanto, se só fizerdes ler, lereis muitos sentimentos, mas sentimentos que vos são estranhos. Eles ocuparão a vossa mente, mas o vosso coração não produzirá nenhum se não tiverdes cuidado de deter-vos para refletir sobre os motivos que vos são apresentados, e por este meio excitar o vosso coração a esses sentimentos salutares, e vos torná-los próprios, produzindo-os por vós mesmo.

Não nos santificamos pelo amor que outro teve a Deus, e que lemos num livro, porém pelo amor que o nosso coração concebe, e que ele próprio testemunha a Deus.

O vosso coração sairá, pois, desse exercício quase tão vazio como nele entrou, porque não terá produzido nada do seu próprio fundo. A meditação é obra muito mais do coração do que da mente. Uma meditação em que o coração não age, só apresenta o exterior do edifício, que não contém nada dentro. E eis aí porque é que as pessoas que se servem de livros, e que só fazem ler, geralmente saem da sua meditação muito satisfeitas, porém quase tão pouco recolhidas como estavam antes. Saem dela sem haverem tomado nenhuma resolução de servir melhor a Deus. Nada tendo feito para se reformar, o coração torna a encontrar os seus pendores, e continua a entregar-se a eles. Da meditação corre ele aos divertimentos, aos quais não renunciou.

Lede, pois, se tendes muita dificuldade em estar recolhido na presença de Deus: lede em espírito de fé; e, quando achardes alguma reflexão que podeis aplicar à vossa conduta, não a passeis de leve; aprofundai-a, para gravá-la na mente, e para prender a ela o coração. Ela servirá para vos corrigir de algum defeito que ela mesma vos fará conhecer em vós; para vos firmar no amor de alguma virtude interior, que ela vos mostrará, para fazerdes uso dela nas ocasiões.

Mas, sobretudo, quando no livro que meditais achardes algum bom sentimento, não vos contenteis com admirá-lo; tratai de o tornar próprio e pessoal. Numa santa confiança em Deus, que pela sua misericórdia e pela sua graça podeis elevar-vos aos sentimentos perfeitos que tantos outros tiveram antes de vós, prendei-vos a eles durante algum tempo para excitar o vosso coração a produzi-los, não uma vez de passagem, porém várias vezes e de várias maneiras diferentes, pelos diferentes motivos que o Espírito Santo vos sugerir para animar o vosso coração; e não os deixeis enquanto eles vos ocuparem. Se a imaginação ainda se transviar, voltai à leitura; fazei-a sempre segundo o mesmo método; e sobretudo não vos esqueçais de que os livros não devem servir para favorecer a preguiça, mas sim para facilitar o recolhimento.

Se, pelo socorro dos livros, Deus vos der algum bom sentimento que vos prenda a Ele, ainda mesmo quando esse sentimento fosse diferente daquele que ledes, deixai o livro e segui esse sentimento; o Espírito Santo sopra onde quer.

O amor-próprio, que teme sempre o esforço, talvez vos sugira que não deveis deter-vos então, apesar da luz de Deus; que é preciso ver se, continuando a ler, não achareis coisas que vos serão mais úteis. Guardai-vos bem de escutá-lo! Isso é uma astúcia do inimigo, que procura tornar-vos infiel à graça que recebeis, e que quer fazer-vos perder todo o fruto da vossa meditação.

As coisas que lemos, como as que ouvimos, só podem fazer no coração uma impressão salutar na medida em que Deus as acompanhar da sua graça. É Deus quem fala ao coração, e quem dá o incremento à palavra da salvação. Deveis, pois, ler e escutar em espirito de fé, de confiança e docilidade. Deus, que quis atrair-vos nesse momento, talvez não tenha ligado a mesma graça às coisas

em que a procurais, e a vossa infidelidade será causa de serdes privado dela. Será por culpa vossa que a vossa oração não produzirá todo o bem que dela esperáveis. Aliás, a mesma tentação vos faria passar sobre as segundas reflexões como sobre as primeiras. A vossa meditação não passaria de uma leitura mal-feita, da qual nenhuma vantagem tiraríeis.

Se eu me detiver assim, dirá alguém, não terei tempo de percorrer todos os pontos da meditação. Mas que necessidade há de os percorrerdes todos, se basta um só para vos ocupar? Por que deixardes um objeto que vos ocupa santamente, para procurardes outro que talvez não venha a vos ocupar do mesmo modo? Por que deixardes o certo pelo incerto? Seria seguirdes a inconstância do vosso espírito, e não o espírito de Deus.

Nesse objeto que quereis abandonar achareis sempre duas coisas: ou algum defeito a combater, ou alguma virtude a aperfeiçoar, e um recolhimento de amor a Deus. A primeira servirá para vos corrigirdes sobre algum ponto, não raro importante; a segunda pôr-vos-á numa disposição mais perfeita de praticar todas as virtudes. O amor estende-se a tudo; e, se somos tão fracos e tão imperfeitos, é por não amamos bastante. Que mais podeis procurar alhures?

Aproveitai, pois, da graça que Deus vos apresenta. Nunca deixeis o certo pelo incerto. Dai mais ao sentimento do que à reflexão. Quando o coração se apega a Deus, a mente ocupa-se d'Ele mais facilmente, e a imaginação se desgarra mais dificilmente. Enfim, é indubitável a máxima: Para ir a Deus e ao Céu, segui a impressão de Deus, e guiai-vos pelo seu Espírito. Se Ele parece abandonar-vos, não percais ânimo: sede firme e constante. A esperança é um porto seguro contra as borrascas e as tempestades. Ainda quando estivésseis no fundo do abismo, Deus vos tirará dele pela sua misericórdia. Em qualquer estado em que estejamos, nunca é permitido desesperar; e, apesar de todos os seus pretextos especiosos, o desânimo refletido e voluntário é tão desarrazoado quanto criminoso.

***

[1] *Quid autem habes quod non accepiati?* (1Co 4, 7).

[2] *Quanquam misericordiam consecutus a Domino, ut sim fidelis* (1Cor 7, 15).

[3] *Servi inutiles sumus: quod debuimus facere, fecimus* (Lc 17, 10).

[4] *Venite ad me, ego reficiam vos* (Mt 2, 28).

[5] *Misericordia et veritas obviaverunt sibi; justitia et pax osculatae sunt* (Sl 84, 11).

[6] A obra foi originalmente escrita para religiosos, mas em quase tudo se aplica também aos leigos.

[7] *Non vos me elegistis, sed ego elegi vos* (Jo 15, 16).

[8] *Sacrificium Deo spiritus contribulatus; cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies* (Sl 50, 19).

[9] *Tunc accedens Petrus ad eum, dixit: Domine, quoties peccabit in me frater meus, et dimittam ei? usque septies? Dicit illi Jesus: Non dico tibi usque septies: sed usque septuagies septies* (Mt 18, 21-22).

[10] *Ad te clamaverunt, et salvi facti sunt; in te speraverunt, et non sunt confusi* (Sl 21, 6).

[11] *Et ait illi: Modicae fidei, quare dubitasti* (Mt 14, 31)?

[12] *Usque huc venies, et non procedes amplius* (Jó 38, 11).

[13] *Tunc surgens imperavit ventis, et mari, et facta est tranquillitas magna* (Mt 8, 26).

[14] *Qui contra spem in spem credidit* (Rm 4, 18).

[15] *Regnum caelorum vim patitur, et violenti rapiunt illud* (Mt 11, 12).

[16] *Nonne haec oportuit pati Christum, et ita intrare in gloriam suam* (Lc 24, 26)?

[17] *Nam et qui certat in agone, non coronatur nisi legitime certaverit* (2Tm 2, 5).

[18] *Sufficit diei malitia sua* (Mt 6, 34).

[19] *Sed qui facit voluntatem Patris mei, qui in caelis est, ipse intrabit in regnum caelorum* (Mt 7, 21).

[20] *Non enim injustus Deus, ut obliviscatur operis vestri, et dilectionis, quam ostendistis in nomine ipsius, qui ministrastis sanctis, et ministratis.*

[21] *Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste: verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu* (Mt 26, 39).

[22] *Sufficit tibi gratia mea* (2Co 12, 9).

[23] *Ambula coram me, et esto perfectus* (Gn 17, 1).

[24] *Spiritus ubi vult spirat, et vocem ejus audis* (Jo 3, 8).